

2^o CONCURSO
LITERÁRIO DA
Anamatra



2º Concurso Literário da Anamatra

COMISSÃO JULGADORA

Ministro Alberto Luiz Bresciani de Fontan Pereira

Tribunal Superior do Trabalho (TST)

Maria Francisca dos Santos Lacerda

Desembargadora do Trabalho aposentada da 17ª Região

Rosilene da Silva Nascimento

Juíza do Trabalho da 15ª Região

Diretoria ANAMATRA - BIÊNIO 2021/2023

Presidente:

Juiz Luiz Antonio Colussi (Amatra 4/RS)

Vice-Presidente:

Juíza Luciana Paula Conforti (Amatra 6/PE)

Secretaria-Geral:

Juíza Viviane Maria Leite de Faria (Amatra 5/BA)

Diretoria Administrativa:

Juiz Ronaldo da Silva Callado (Amatra 1/RJ)

Diretoria Financeira:

Juiz Ronaldo Solano Feitosa (Amatra 7/CE)

Diretoria de Comunicação Social:

Juíza Patrícia Pereira de Sant´Anna (Amatra 12/SC)

Diretoria de Prerrogativas e Assuntos Jurídicos:

Juiz Marco Aurélio Marsiglia Treviso (Amatra 3/MG)

Diretoria de Assuntos Legislativos:

Juiz Valter Souza Pugliesi (Amatra 19/AL)

Diretoria de Formação e Cultura:

Juiz Marcus Menezes Barberino Mendes (Amatra 15/Campinas e Região)

Diretoria de Eventos e Convênios:

Juíza Rosarita Machado de Barros Caron (Amatra 10/DF e TO)

Diretoria de Informática:

Juíza Elinay Ferreira (Amatra 8/PA e AP)

Diretoria de Aposentados:

Juíza Benimar Ramos de Medeiros Marins (Amatra 1/RJ)

Diretoria de Cidadania e Direitos Humanos:

Juiz André Eduardo Dorster Araújo (Amatra 2/SP)

Conselho Fiscal:

Juiz Felipe de Magalhães Calvet (Amatra 9/PR)

Juíza Dayna Lannes Andrade (Amatra 23/MT)

Juiz Higor Marcelino Sanches (Amatra 21/RN)

Suplente: Juiz Marcelo Rodrigo Carniato (Amatra 13/PB)

Apresentação

Caro (a) Associado (a),

Ainda sob efeito da pandemia de Covid-19, apresentamos a obra composta pelos trabalhos vencedores do 2º Concurso Literário da ANAMATRA e dos participantes selecionados.

É comovente ver a força e os sentimentos dos envolvidos neste projeto, desde os integrantes da comissão julgadora, mulheres e homem que se dedicam à sofisticada tessitura de humanidade que é unir sentimentos e reflexões com as palavras, passando pelos homens e mulheres que tiveram a coragem de limpar as gavetas e oferecer seus textos ao mundo dos leitores, sem nunca esquecer a participação das empregadas e empregados da Anamatra, que dão a efetiva concretude às iniciativas da Associação.

A comissão julgadora, formada pelo Ministro do Tribunal Superior do Trabalho Alberto Luiz Bresciani de Fontan Pereira, Desembargadora Maria Francisca dos Santos Lacerda, do TRT 17 e Juíza do Trabalho Rosilene da Silva Nascimento, do TRT 15, merece nossos efusivos agradecimentos pelo auxílio luxuoso que prestaram à causa da literatura e, sobretudo, ao associativismo, uma das mais fortes expressões da solidariedade entre os seres humanos. A eles enviamos um fraternal abraço e nosso reconhecimento.

Não é fácil escolher ganhadores, sobretudo quando as poesias, contos e crônicas analisados trazem um mergulho profundo na condição humana e sua vastidão infinita. Os leitores terão em suas mãos as angústias, a esperança, a análise da condição social do trabalho, o amor, a desolação, o delírio, a delicadeza e a violência absolutas, esgrimidas com maestria e penas digitais. Todas essas dimensões mostram a vitalidade da Magistratura do Trabalho e sua vocação para ser vanguarda nacional e expressar o sentimento de pertencimento ao Brasil e ao mundo.

Sim, estamos vivos. Mesmo que tenhamos que nos assombrar com a incompreensível mortandade que assolou o país nos últimos dois anos, é motivo de renovada esperança ler os textos dos nossos colegas. Eles nos presenteiam com o melhor que a vida ainda pode produzir: sensibilidade e razão.

Aos nossos associados e nossas associadas, nossos leitores e leitoras, desejamos que sorvam e se emocionem com a qualidade das obras dos confrades e confreiras.

Boa leitura a todos e a todas!

Luiz Antonio Colussi

Presidente

Marcus Barberino

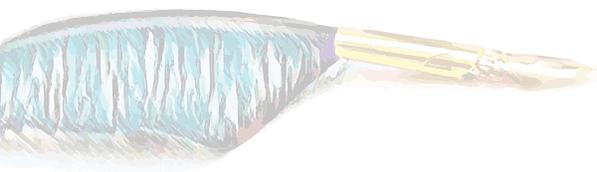
Diretor de Formação e Cultura

Sumário



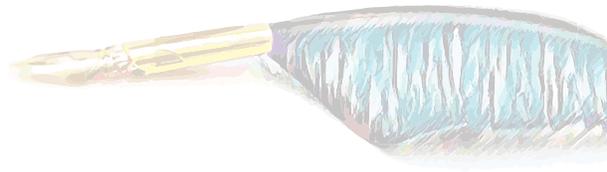
Pontos

Criança viada	13
Henrique Macedo de Oliveira	
A mudança.....	17
Sonia Maria Ferreira Roberts	
As mentiras de SINVAL.....	21
Jairo Vianna Ramos	
Coisa esquisita.....	25
Simone Galan de Figueiredo	
Hamilton	31
Paulo Nunes de Oliveira	
Insônia.....	35
Nelson Julio Martini Ribas	
Ivo	38
Roberto José Ferreira de Almada	
Sal empilhado.....	44
Deizimar Mendonça Oliveira	
Segunda Via	50
Fernanda Itri Pelligrini	
O barnabé no caixa eletrônico.....	61
João Luiz Rocha do Nascimento	
O driver.....	65
Vanilson Rodrigues Fernandes	
O tempo e o vento	73
Manoel Hermes de Lima	



Crônicas

Descida íngreme	85
Lenício Lemos Pimentel	
A pasta rosa	87
Mário Lúcio Batigniani	
A verdadeira loucura	90
Pedro Mallet Kneipp	
Ensurdece (dor)	92
Maria Beatriz Vieira da Silva Gubert	
Estive fora, tive... "Langhishing"!	95
Ricardo Sampaio	
Morte é vida!	97
Josimar Batista dos Santos	
Olha para o céu, meu amor	99
Maria do Socorro Almeida de Souza	
O que os olhos não veem...	103
Carmem Lúcia Lapenda Pessoa de Albuquerque	
O sonho	104
Roberto José Ferreira de Almada	
Ribeira de mar dos arrecifes dos navios	107
Robson Tavares Dutra	
Sinais urbanos	111
Simone Galan de Figueiredo	



Poesias

Paralisia	117
Linda Brandão Dias	
A subida	118
Rosana Maria de Barros Caldas	
Autoanálise	121
Rodrigo Adélio Abrahão Linares	
Coração de paz	123
Ataíde Assis Ataíde	
Da janela do banco carona	124
Claudirene Andrade Ribeiro	
Dia de domingo	128
Maria do Perpetuo Socorro Wanderley de Castro	
Gênesis	130
João Luiz Rocha do Nascimento	
Infinitude	131
Jólia Lucena da Rocha Melo	
Inventário	134
Deizimar Mendonça Oliveira	
Novelo	136
José Eduardo de Resende Chaves Júnior	
Quem me tocou	137
Carmem Lúcia Lapenda Pessoa de Albuquerque	
Trabalhador	138
Josimar Batista dos Santos	
Übermensch	140
Vanilson Rodrigues Fernandes	



Pontos



Criança viada

Henrique Macedo de Oliveira*

"Se for pra ser *viado* quando crescer, é melhor morrer antes", berrou o pai quando testemunhou o filho dançando em frente à televisão. O menino perguntou para a tia que palavra era aquela e, entre constrangida e surpresa, ela explicou que a expressão designava um bicho grande, feio e que tinha chifres. Heitor queria saber o que fazer para não se transformar no tal monstro, mas tinha medo de antecipar a profecia do pai se pensasse muito no assunto.

Foi um menino do colégio quem consumou a acusação: "Você é *viado*!" Todos ao redor olharam para o réu. Pequenos jurados do tribunal da infância. Julgamento unânime: culpado! Transgressão evidente. Crime grave, desses que merecem punição paradigma. Heitor inspecionou os braços para conferir se estavam crescendo pelos, tocou o nariz para se certificar de que ali não havia um focinho e esfregou a cabeça para buscar um começo de chifre entre os cabelos. Ao fim da aula, correu para casa, arrancou as roupas e se instalou diante do espelho. Esquadrinhou o corpo inteiro à procura de algum sinal da fera. Nada.

* Juiz do Trabalho da 3ª Região.

O texto foi vencedor, na categoria conto, do 2º Concurso Literário da Anamatra.

Tomou coragem e foi conversar com o pai. Se isso de ser *viado* era coisa de gente grande, por que o garoto da escola havia dito aquilo? Levou um safanão na cara como resposta e ouviu: "Você precisa ser homem". Heitor não entendia. Ele tinha que ser homem, mas era menino. Ou será que já começava a ser bicho sem perceber? Heitor sabia que não era bom ser ele mesmo, que era errado, mas, enquanto garras não irrompessem no lugar das unhas, não havia muito que pudesse fazer, apenas esperar.

Então os coleguinhas da escola lhe apresentaram o inventário de sinônimos. Anda direito. *Viado*. Tira a mão da cintura. Bicha. Não precisa rebolar. Gay. Por que você fala com esse jeitinho de menina? Afeminado. Engrossa a voz. Gazela. Isso é coisa de mulher. Boiola. Homem não chora. Frutinha. Homem joga futebol. Baitola. Olha o jeito que ele para com a mão na cintura. Maricas. Bate nele. Não fica perto dele. Cosphe nele. Chuta ele.

Amplificado o entendimento sobre a designação vergonhosa, Heitor deduziu que *viado* não era um bicho que crescia por fora. Era monstro que se criava por dentro. E o mundo inteiro reconhecia a fera. Divisava os olhos da besta. Notava o cheiro do monstro. Menos ele. Como é que um bicho cresce dentro da pessoa, lá bem no fundo da alma, e todo mundo consegue ver, exceto o próprio hospedeiro? Se o problema era a voz, então a solução era falar o menos possível. Se o seu jeito de andar delatava a presença do animal enjaulado, tudo bem, bastava ficar quieto. Se quase não fizesse barulho, se passasse despercebido pelos colegas da escola, quem sabe a fera não acordasse? Talvez ela vivesse de atenção e, sem ninguém para chamar seu nome, sucumbisse.

Heitor passou a se sentar no fundo da sala de aula; no recreio, comia seu lanche sozinho embaixo da escada. Depois, ia embora pelo canto da calçada, quase camuflado entre os muros, enquanto os outros alunos passavam correndo. Quando chegava em casa, esgueirava-se do mundo. Distraía-se com o barulho da

água caindo do chuveiro. Mastigava o jantar enquanto escutava os ruídos amorfos que a televisão produzia. Deitava-se na cama e fingia que o universo era um quadro negro sem rabiscos. Um não pensar. A monotonia dos sentidos o convidava ao sono e ele sonhava que o sonho era a realidade. Um mundo sem palavras, sem voz, sem grito e sem atrito. Um lugar de crianças mudas e apáticas.

Talvez por pena ou simpatia, as meninas do colégio se aproximaram dele. Algumas até o defendiam. Na companhia delas, às vezes Heitor arriscava uma brincadeira, uma risada, alguma confiança boba. Soltava-se. E quando isso acontecia, os moleques ressurgiam como urubus atrás da carniça. Não perdoavam as mãos livres que gesticulavam no ar; o dedo indicador que apertava o queixo quando estava atento a alguma conversa; o jeito retilíneo de repousar as costas no banco, com as pernas bem juntas, e os calcanhares suspensos do chão; o modo como tirava a franja do olho; a maneira como se virava quando alguém gritava seu nome; a voz muito fina, melódica. E aí vinham lembrá-lo de como ele era errado. Perseguiam. Pegavam. Batiam. Xingavam. "Corre, viado!" Óculos quebrados. Uniforme rasgado. "Você tem que se defender, porra!", esbravejava o pai.

Chegou da escola. Entrou no quarto. Bateu a porta. Encerrava nas mãos um estilete. Um punhal. Quando pensava em instalar a lâmina sobre o pulso esquerdo, as cortinas tremularam. Um sopro de vento atravessou a janela e entrou no seu ouvido como um sussurro. Depois, saiu pelo outro ouvido, pousou sobre a cama e, em questão de segundos, empertigou-se em cima dos lençóis. Num instante, o murmúrio avolumou-se. Virou palavra. Depois, multiplicou-se. Uma, duas, três, quatro. "Vai ficar tudo bem", elas diziam. As palavras saltavam na cama, como crianças numa algazarra antes de dormir e, a cada segundo, proliferavam-se mais e mais. As letras arriscavam piruetas, enquanto as sílabas brincavam de roda. De repente, já eram tantas, que não cabiam mais na cama e escorregavam para

o chão. Heitor sentiu as palavras subindo pelas suas pernas até alcançarem a sua cintura. No momento em que olhou ao redor, o quarto estava tomado pelas intrusas que se aglutinavam entre si em variadas combinações. Quando ele tentava decifrá-las, logo elas se desencorpavam e suas sílabas se casavam com outras e novos arranjos surgiam. Antes que as palavras lhe cobrissem o corpo inteiro, Heitor fechou os olhos e mergulhou.

Ondas gigantes levavam o menino por oceanos de mel em que viviam sereias, príncipes e sapos falantes e onde o tempo passava diferente. Heitor aprendeu com fadas e gigantes que a dor podia escorrer da caneta para o papel e que a letra miúda dos livros proibidos guardados embaixo da cama, sem gravuras e texturas, tinha o cheiro de um mundo novo e além. Sentia embaixo da língua o gosto das nuvens feitas de algodão enquanto voava pelo espaço para alcançar a estrela mais brilhante do universo, toda feita de vaga-lumes, velhas lamparinas e papel celofane. O menino cantava seus poemas siderais e fingia ser o que tivesse que ser para não ser o que diziam que ele era.

E nesse ir e vir de mundos e de letras que bailavam em tantas confusões diferentes, pulando de vidas em vidas, ele entendeu que a menor partícula do homem era a voz da palavra – aquela que define, que inventa, que sustenta, que ofende. É ela quem conduz a fome do ódio, mas também a eletricidade do amor. Heitor ainda era a criança *viada*, do traquejo delicado, da voz aveludada, mas também um bicho enorme, dono de uma força insólita, capaz de carregar embaixo do braço dois ou três universos, cheios de vilas, cidades, pessoas, países.

O monstro das palavras agora caminhava entre os seus inquisidores com a altivez de quem um dia teria muito a dizer.

A mudança

Sonia Maria Ferreira Roberts*

Chegou a hora de Ana deixar o antigo sobrado após ter vivido nele por 35 anos. Ela está com 91 anos, mas afirma que ainda sobe bem as escadas, embora noventa por cento do dia passe apenas na parte inferior do imóvel.

Já caiu por conta de um gato – que não era seu – ter decidido morrer bem na porta da entrada da sala. Foi limpar o local com álcool em gel, escorregou machucando braço e perna, mas foi culpa do gato que resolveu passar seus últimos momentos na porta da sala e não de suas 90 primaveras.

Diziam-lhe todos: – A senhora precisa se mudar, pode cair nas escadas! Ana era tomada por um sentimento de repúdio, raiva, fúria, sei lá, quando ouvia afirmações desse tipo. Por que os maledicentes viviam dizendo que ela ia cair? Será que eles queriam que ela caísse, só para se mudar? Uma tarde, a diarista que também trabalhava na vizinha gritou do outro lado do sobrado quando Ana foi levar o lixo na rua: – cuidado Dona Ana, vai cair... Que ódio, pensou Ana e respondeu: – quem vai cair é você. E, logo entrou para dentro do sobrado achando que tinha respondido à altura o desaforo.

* Juíza do Trabalho da 12ª Região

Como Ana sempre diz, idade é feita de números, e estes são relativos. Por isto, nunca gostou de contar a sua, até mesmo para a família. Só mesmo os mais chegados sabiam que ela era de 1930 e as secretárias dos laboratórios que sempre faziam questão de perguntar na hora dos exames.

Mas não tinha jeito, mesmo convicta sobre o seu estado de saúde, o filho de Ana insistia em que ela devia ir morar em uma casa térrea. Sim, porque apartamento estava fora de cogitação. Ela dizia: – não sou passarinho para viver em uma gaiola, de janela em janela. Ana resistiu o quanto pode, mas eis que chegou a hora de se mudar. O sobrado foi vendido pelo filho e sobre isto ela nada podia fazer, pois o sobrado era dele. A nora até ponderou com o filho que o sobrado deveria ser vendido somente após a morte de Ana, mas para o filho era um bom negócio e não podia ser perdido.

Após o impacto e sofrimento pela venda, Ana arregaçou as mangas e passou ao seu maior desafio como nonagenária: retirar os seus pertences e com eles reviver as lembranças. A máquina de costura Singer (com a nota fiscal e o manual, ambos guardados em uma gavetinha da máquina) devia tomar um paradeiro. Ela já não mais costurava, mas a máquina tinha sido presente de sua mãe, então o seu destino tinha que ser nobre. Pensou em dar o mesmo fim àquele que dera à máquina de costura de sua avó, que foi para o museu de São Bento do Sul-SC. Mas esta cidade fica muito longe e a sua máquina Singer é grande, bem mais moderna que a de sua avó. Seria difícil levar. Quem sabe na cidade aonde sua mãe fora uma das pioneiras, assim como ela: Arapongas-PR? Ana ligou para um sobrinho neto, morador de Arapongas, que por sua vez falou com o Prefeito da cidade e este disse que poderia receber a máquina de costura assim que as obras do museu da cidade fossem encerradas. Ana foi tomada por muita felicidade. Pelo menos à sua máquina de costura um destino glorioso ela havia reservado. Mas ainda havia o seu diploma de costureira no quadro. O que fazer com ele? Todo mundo dizia para Ana jogar

fora as coisas e objetos que não usava, ao que ela manifestava um sentimento de profunda tristeza e logo dizia: – a psicóloga disse que eu amei demais, por isto eu gosto de guardar as minhas lembranças. Sim, Ana foi para a psicóloga quando teve que sair do sobrado. “Despirocou”, diziam os netos. Não aceitava o aprazolam receitado pelo geriatra. Nunca tomou remédio para dormir nem outros ansiolíticos e não iria tomar agora. Então foi para sessão com a psicóloga. Pouco a pouco, com muita conversa e chá de erva cidreira, os pensamentos foram clareando.

Bem, voltando para os objetos de mudança, havia as baixelas do casamento de Ana. Cada peça foi embrulhada uma a uma, encaixotada e levadas para o quartinho dos fundos da nova casa. Ah, e o baú do seu avô? Nessas horas Ana era enfática nas contas. O baú tinha mais de 200 anos e foi reformado por um caprichoso auxiliar da casa, um “faz tudo”, “marido de aluguel”, de nome Maurílio. O fundo do baú fora trocado, o móvel completamente lixado e um novo verniz o fazia reluzir como outrora. O baú, cheio de louças, foi também parar no quartinho porque a casa já estava repleta de louças da nora, além disso, Ana não podia correr o risco de ver suas louças que foram presente de casamento, quebradas por um uso inadequado. Só ela sabia o valor das coisas, os outros não, neles incluindo a sua nora. Um armário com porta de correr de vidro, que Ana utilizava para guardar suas flores, da época em que foi florista e contribuiu para o INSS se aposentando como tal, não foi descartado. Foi bem guardado, esperando por uma nova exposição na longa vida de Ana.

Mas, além de móveis e objetos, a vida em uma casa com quintal traz grandes responsabilidades para com as plantas. No mês da mudança Ana pegava um Uber com a sua fiel escudeira, Maria (a diarista), e ambas iam até o sobrado para retirar mudas das plantas. Assim foram vários dias para retirar as orquídeas amarradas no cajueiro que já estava plantado no jardim do sobrado quando Ana se mudou. Depois, vários galhos da camélia branca foram cortados e ainda estão guardados em um vaso cuja

água é trocada diariamente. A esperança é que haja brotação e só após os galhos sejam plantados na terra. Em seguida foi a vez da babosa, planta milagrosa para queimaduras e mordidas de insetos. Ana não sossegou enquanto a babosa não foi arrancada, inteira, e plantada no jardim da nova casa e as orquídeas acomodadas em um coqueiro. Todos os dias ela vai até o jardim, com os passos recalcitrantes e com a ajuda de sua amiga (como ela chama a bengala) para ver se elas já se acostumaram ao novo local, assim como ela. Por fim, foi a vez da renda portuguesa, uma espécie de samambaia que fora presente da irmã de Ana, há uns 50 anos e encontra-se firme no seu xaxim em local devidamente assombreado, ao lado de seus canários.

Depois de tudo retirado do sobrado, após três semanas, é hora da despedida final. Ana confere mais uma vez todos os cômodos do seu antigo lar. Na sala faz o nome do pai e uma cruz, como se quisesse benzer o local. Agradece por tudo o que viveu ali, aos amigos vizinhos. Muitos já se foram, incluindo a amiga especial, Bel.

Chegando em casa recebe a notícia de que Elza Soares morreu, ao que ela diz: – mas ela era velha, né?

Sua nora responde: – ela tinha a idade da senhora.

– Nossa, então ela era nova!

Quem é Ana? Minha sogra.

A nora? Euzinha.

As mentiras de Sinval

Jairo Vianna Ramos*

Sinval olhou a esposa de cima a baixo. Fazia isso todos os dias, quando ela abria a porta em sua chegada à casa, vindo do trabalho. Nos lábios dela, o sorriso franco e a sombra de um buço crescente. As pernas de Odete se arquearam com o tempo, talvez uma artrose anunciada. O corpo curvilíneo do passado agora estava próximo da silhueta de uma caixa. Mas ele lhe beijou os lábios, sentiu o gosto do alho provado na preparação do jantar e lhe disse:

– Querida, você está cada vez mais linda!

Nos últimos quase quarenta anos, ele lhe dizia algo assim. Algumas alterações ocorreram com o passar do tempo. Houve época em que ele dizia coisas mais sensuais, chamava-a de gostosa, apertava-lhe a bunda ao lhe beijar ou mesmo lhe apalpava as coxas. Com a vinda dos filhos, o cumprimento da boca da noite sofreu alterações. Houve tempo em que eles, ainda crianças, esperavam-no à porta com a mulher. Ele os elogiava também.

– Vocês são as crianças mais inteligentes e bonitas que eu conheço!

Sinval sempre trazia uma guloseima para os meninos e muitas vezes flores para a mulher. Mais tarde, os filhos não o esperavam mais, tinham outros compromissos. Mas Odete

* Juiz do Trabalho da 3ª Região

repetia a solenidade da chegada, como costumava dizer. O elogio e a flor. O beijo carinhoso nos lábios. Encontro de bigode com buço, pois ele cultivou um bigode fino, que lhe dava a impressão de ator de cinema antigo.

Sinval, um craque da gentileza, mesmo em momentos mais perversos, era capaz de dizer alguma coisa animadora a quem necessitasse de estímulo. Por isso, era querido na empresa, em cuja existência muitos empregados foram dispensados, substituídos ou mesmo se demitiram. Sinval era mantido como uma joia intocável. Os donos lhe deram cargo importante, mais para ouvirem os elogios, as congratulações do que pela excelência dos serviços. Se alguém tivesse um problema, procurava-o, porque, embora sem ter como solucionar a pendência, dizia coisas capazes de anestesiá-lo em pânico.

Na rua em que morava, era amado pelos vizinhos e pelos comerciantes dos lugares aonde ia fazer compras. Era capaz de vencer um parceiro numa disputa de dominó e assim mesmo lhe dizer amabilidades consoladoras. Nunca caçoava dos perdedores; agradecia o privilégio da boa disputa.

Por ser assim amado, espalhador de felicidade, Sinval deveria ser feliz, muito feliz, afinal o ser humano é ávido de reconhecimento e amor. Aliás, a gratidão dos outros para com ele era propalada aos quatro ventos. O homem cordial do bairro, da empresa e das cercanias ganhava fama. Sobravam-lhe convites de candidatura à vereança, ingresso em clubes de serviços e ordens das mais variadas correntes. Todos queriam esse raro espécime humano. Ele recusava, alegava que tudo estava em boas mãos, eram todos competentes, honestos, capazes e dádivosos. Preferia o remanso do lar e a faina feliz no emprego.

Sinval, ao ver uma avó com o neto, aproximava-se da senhora e perguntava:

– É seu filho esse belo menino?

Ao ouvir a resposta, logo dizia:

– Mas a senhora, tão nova, já é avó?

A elogiada se punha felicíssima e se ia pisando as nuvens com olhos úmidos de alegria.

Certo dia, Sinval foi à igreja, como havia muito tempo não fazia, porque, embora católico de meninice, desprezava a prática religiosa, sempre carregada de ameaças de inferno e julgamentos de pecados. Mas foi. Nave vazia. Tomou assento. O silêncio. Findava-se o intervalo do almoço e precisava voltar ao trabalho. Algo, porém, retinha-o. Um sono estranho. Repentinamente um vulto num corredor lateral. Um padre. Sinval ali sentado, tomado de assalto pela culpa das mentiras. Nunca pensara nisso, mas agora estava claro que mentia deslavadamente e era querido por isso. Quantas vezes teve vontade de dizer que um colega era burro e só fazia besteiras, mas acabou elogiando o interlocutor. Dizia essas coisas boas às pessoas por preguiça de enfrentar uma discussão profunda, ou mesmo porque se sentia bem mentindo. Mas, embora a mentira fosse boa para os outros, era mentira. O padre lhe tocou o ombro. Perguntou se precisava de ajuda. Sinval, o consolador, titubeou. Pensou em se confessar, mas mentiu de novo e disse que estava bem. Saiu.

No caminho para o trabalho, ele pensou em parar de mentir. Ao chegar, o chefe lhe chamou para pedir uma opinião. “Seu idiota, não vê que está tudo errado”, Sinval pensou, mas disse:

– Que ideia maravilhosa! Quem sabe o senhor não a enriquece fazendo... E deu a sua sugestão, aceita imediatamente pelo chefe, orgulhoso da sua brilhante ideia reconhecida por Sinval, cuja participação logo foi esquecida. Aliás, Sinval, para o chefe, nada mais era que um mero espectador.

Quase Sinval disse a verdade. Foi por pouco. O efeito da igreja na mente. Evitou conversar com os colegas, pois talvez para eles dissesse o que de fato pensasse ou sentisse. Talvez o odiassem.

Os humanos se regozijam com as mentiras favoráveis e execram a verdade dura e crua.

Ao final do expediente, Sinval se foi. Ao chegar à casa, Odete lhe abriu a porta, como sempre fazia. Ele encurvado com o peso do pecado das mentiras de tantos anos. Mortal ou venial? Imaginou-se de volta à igreja para se confessar ao padre que lhe tocara o ombro e jurar nunca mais mentir. Sinval mentia a si mesmo, jamais faria isso. Voltou à realidade quando se aproximou da mulher de corpo de caixa e buço cada vez mais visível. Percebeu uns pelos não depilados nas canelas dela. Deu-lhe vontade de gritar: "Mas você está muito feia, gorda, tem esse buço horrível e podia ao menos depilar as canelas". Mas da sua boca, embora ele quisesse dizer o que pensava, saiu:

– Minha querida, você está cada vez mais linda!

Beijou-lhe lábios e buço.

Coisa esquisita

Simone Galan de Figueiredo*

– Vamos logo aí, Cuspe! Parece que não consegue acertar o relógio-ponto. Vou perder meu ônibus – grita um dos tantos que esperavam na fila.

Cuspe era o operador mais forte de toda a fábrica. O apelido foi dado quando, numa briga entre colegas, ele finalizou brindando o rival com uma salivada na cara. Também respondia pelo nome de Montanha, porque no refeitório, na hora do almoço, empilhava camadas e camadas de comida no prato, a tal ponto de elevação que parte do seu rosto parecia submerso entre os patamares de arroz e feijão, linha de frente da refeição. Com as mãos grudadas nos talheres, cavava certo, do pico à base, os alimentos, desvendando aos poucos, para a plateia atenta de colegas, a inteireza da sua face. Sua pouca agilidade nos afazeres cotidianos se devia à imensa massa muscular grudada ao seu corpo, a qual parecia frear os seus movimentos. Sua robustez era o resultado do manejo da enxada na roça desde criança até o dia que conseguiu um emprego em Curitiba. Trouxe junto também a sua timidez e a pouca experiência de como lidar com as pessoas, acostumado que estava a conviver com os bichos e as plantas, muito mais previsíveis e menos ardilosos.

* Juíza do Trabalho da 9ª Região

Na fila para registrar o ponto no final do dia de trabalho, essa lerdeza nunca passava imune, pois o cansaço e a urgência de chegar em casa para descansar compelia toda a linha de homens sujos e uniformizados a impor um ritmo quase violento rumo ao tilintar final do relógio. Um som estridente que, penetrando agudo nos ouvidos, servia também para lembrar a todos que ainda havia uma longa jornada para chegar em casa e descansar o corpo.

Cuspe seguia em direção ao ponto de ônibus quando percebeu Joana andando logo à sua frente. Ele a via todos os dias na empresa ao passar pelo RH em direção ao vestiário, numa sala envidraçada, onde ela permanecia concentrada nos seus papeis. Muitas vezes, Joana segurava uma mecha de cabelo entre o indicador e o polegar e ficava enrolando, uma espécie de distração que acontecia enquanto ela pensava, o que também a levava a roer as unhas. Não parecia ser casada ou ter namorado, porque nunca estava ansiosa para sair mais cedo ou pendurada no telefone com ares de quem está de papo furado com um paquera. Em cima da mesa havia um porta retrato com uma foto de Joana com uma mulher, único objeto pessoal no ambiente. Cuspe computava como um crédito de intimidade com Joana todas as frações de segundos em que a acompanhava durante a sua travessia, muito embora ela nunca tenha feito sequer um simples gesto de reconhecimento da existência dele. Sabia de suas diferenças, afinal ela tinha estudo e não precisava bater o ponto, mas o acaso os colocou agora no mesmo caminho e talvez isso fosse um aviso. "Dia de sorte", pensou.

Sincronizou o passo com o dela para chegarem juntos. Em alguns minutos o ônibus se aproximou, completamente lotado. Não havia outra linha nos arredores e por isso sabia que, se não embarcasse naquele momento, esperaria por mais uma hora. A porta se abriu para entrarem, mas o espaço dentro do coletivo precisava ser cavado com muito empurrão e compressão. Cuspe levava vantagem em tal tarefa, por isso pediu licença à Joana para se posicionar na frente dela e abrir passagem. Numa luta

corporal de empurra-empurra, ele foi abrindo um vão para o percurso de ambos. Os colegas de trabalho, que também lutavam para entrar, se aproveitaram da abertura e os seguiram, preenchendo pouco a pouco a fenda que remanesceu. Joana agradeceu a gentileza com um muito obrigado protocolar, sem encarar Cuspe ou expressar uma feição mais acolhedora que confirmasse a sinceridade das suas palavras. Ele se posicionou ao lado de Joana, próximo da porta de saída. A presença dela deixava-o feliz de uma forma diferente e desconhecida. Ficava um tanto sem saber o que falar ou fazer e tinha muito medo e vergonha de dizer algo errado ou tolo. Então calava-se e nutria-se pela respiração, pelo cheiro e pelos pequenos gestos dela.

Através da janela, avistou um carro vermelho conversível na pista ao lado. Por alguns segundos imaginou-se dirigindo aquele veículo esportivo, todo empertigado no assento, empoderado pela riqueza e absorto pela missão de mostrar sua elegância e altivez. Em seu breve devaneio, ostentava um daqueles óculos escuros espelhados dos heróis de filme de aventuras e com uma camiseta regata justa, desvelava os músculos de seu tórax e braços ao movimentar a direção com um único dedo pousado no volante, ou ao trocar a marcha, tensionando o seu bíceps. (Caro leitor, somente para que não se alegue que fiquei em silêncio, informo que, dado o gosto musical do personagem, mesmo em sonho, preferi deixar o rádio desligado). No banco ao lado, Joana, com os cabelos ao vento e roupa branca, voltava um olhar de admiração e paixão para ele que, por sua vez, devolvia, distante e impenetrável, um olhar de desagrado e fastio para os passageiros do ônibus.

Um som agudo e estridente da sirene de uma ambulância foi suficiente para quebrar o encantamento de Cuspe e devolvê-lo ao coletivo. Sem que alguém pudesse ver o que estava acontecendo, o ônibus freou abrupta e violentamente. Os corpos lutaram com vigor para se manterem equilibrados no espaço onde estavam, mas não conseguiram evitar o deslocamento para frente, para o fundo, para

trás, para o chão, para bater em quem estava ao lado, para deixar a bolsa cair, para bater o queixo no banco da frente, para Joana ser arrancada pelo impulso da barra que segurava em um dos lados da porta de saída, para ser lançada, para o corpo dela ser amparado pelo corpo dele, para os seios dela espalharem-se no peito dele, para os braços dela buscarem se segurar no corpo dele, para o rosto, boca, saliva dela se juntarem ao rosto dele, para os cabelos dela invadirem a boca dele, ele, o Cuspe.

Ao redor, Dedo Torto, o Elvis da máquina de PR4, Sula, a Suelem da esteira, Cebola, a Kevin da máquina PR5, todos, ainda lutando pelo equilíbrio, não distraíram jamais a vigilância e o julgamento, mantendo os seus olhos fixos naquele encontro. *Aquele mostro comilão, sussurravam e pensavam, se aproveitando da Joana, mocinha de família, Joaninha, lindinha, ingênua coitada, foi empurrada logo ao encontro dele, que fez cara de satisfação, ficou de sorrisinho, nem conseguiu disfarçar, os peitos dela no peito dele, que absurdo, tem que falar pro patrão, esse cara não presta, encoxador, vagabundo!*

O tumulto se formou lá fora. Os transeuntes se acumularam ao redor para ver a cena – a ambulância parada com a lateral amassada pelo impacto com o ônibus, este com o farol quebrado e lotado de pessoas. Ambos atrapalhando o tráfego, que reagiu com uma enxurrada de buzinas (pois o mundo tem pressa, meu caro leitor, mas não tem pena) e, por isso, o paciente permanecia preso na ambulância à espera de socorro. O motorista do ônibus abriu a porta do veículo e mandou todos descerem. Os passageiros mais distantes da porta de saída, agitados e tensos pela situação, forçaram a desocupação com urgência, prensando os seus corpos sobre os que estavam na frente. Cuspe e Joana, posicionados na boca da saída, foram violentamente expelidos do veículo, seguidos por multidão desordenada e barulhenta. Cuspe tentou se aproximar de Joana, que se escondeu entre os demais passageiros desembarcados, rapidamente tomou um rumo desconhecido e desapareceu.

Cuspe decidiu caminhar com destino à sua casa, a qual não era tão distante do local onde desembarcara. Não conseguiu perceber se Joana havia se machucado. Alguns passageiros saíram com ferimentos no rosto e sangrando. Aparentemente, saíra ileso do acidente, pois não notou nenhuma contusão ou corte. Porém, levava no peito uma sensação confusa, que não sabia nominar, como quem acorda no meio do sonho com um pontapé. Não entendeu a atitude de Joana de sequer se despedir dele, diante de todo o esmero da sua atenção e comportamento. “Devem ser coisas de mulher”, como dizia a sua vó. Chegou em casa, banhou-se e dormiu, prosseguindo o sonho que não saía da sua cabeça.

Ao chegar para trabalhar no dia seguinte, sentiu uma atmosfera pesada. Ninguém falou com ele desde a sua chegada até o longo percurso que fazia na parte interna da fábrica rumo ao posto de trabalho. As pessoas desviavam o olhar, mesmo ao serem confrontadas com o seu meio-sorriso-matinal que usava como coringa para dar conta das relações sociais. Ao ingressar no seu setor viu Joaquim, o seu gerente, conversando com os colegas que estavam no ônibus no dia anterior, os quais pareciam relatar com empolgação a aventura. Pouco tempo após ligar a sua máquina para iniciar suas tarefas, Cuspe foi surpreendido pela presença de Joaquim, o seu gerente:

– Bernardo, precisamos conversar.

Dos 10 anos de empresa ninguém o chamava pelo nome há mais de 9 anos. Aliás, muitos sequer sabiam o seu nome.

– Oi, Joaquim, bom dia! Você me chamando de Bernardo até me assusta, de tão desacostumado que estou. Pode me chamar de Cuspe mesmo. Algum problema?

Joaquim sinalizou para se dirigirem juntos à sala privada do setor. Separados por uma mesa, Cuspe e seu chefe sentaram-se frente a frente.

– Bernardo, o negócio é o seguinte: vamos ter que fazer um corte de despesas e infelizmente vou ter que despedi-lo. Em 10

dias o pessoal do RH vai entrar em contato para fazer o acerto. Joaquim ao falar comprimia os lábios e movimentava os dedos sobre a mesa de forma tensa e repetitiva. Sua voz tinha uma entonação crescente e uma cadência acelerada: desconfortável com o que dizia, parecia se livrar das palavras com rapidez.

Atônito, Cuspe se manteve sem reação diante da notícia. Baixou a cabeça, pegou o papel que Joaquim lhe apresentou e assinou. Catou seus poucos pertences e caminhou cabisbaixo para a porta da saída, sem se despedir de ninguém. Ainda perplexo, prosseguiu andando nos arredores pensando no que havia ocorrido para ser ele o único "selecionado". Nos dez anos de trabalho na fábrica, nunca teve nenhum problema, sempre foi elogiado por seu desempenho. *O que eu fiz de errado?* Subia uma ladeira se distanciando da empresa, concentrado nos seus pensamentos que se renovavam e se repetiam num fluxo intenso, quando avistou duas mulheres descendo no outro lado da rua. Teve a impressão de que uma delas era a Joana e, por isso, escondeu-se envergonhado atrás de uma árvore. Na espreita, ao chegaram mais próximas, reconheceu Joana e a sua acompanhante, que era a mulher da foto do porta-retrato. Elas avançaram conversando e rindo, até a esquina que antecedia a entrada da fábrica, quando então pararam, envolveram-se num longo abraço, pouco a pouco aproximaram os lábios e beijaram-se

Cuspe permaneceu parado no mesmo lugar por mais algum tempo numa quietude infinita, mesmo após Joana e a outra mulher desaparecerem da sua visão. Longe do trabalho da fábrica, as ideias pululavam inquietas na sua mente, invadindo o vazio deixado pela falta de ocupação de suas mãos, de seu corpo, da sua força. O tempo fluía lento e sem propósito, quase dolorido. Aos poucos seu olhar se tornou distante como quem enxerga algo invisível e seu rosto adquiriu uma feição desperta e iluminada por uma epifania. Mexeu sua cabeça para cima e para baixo por alguns segundos num gesto de aquiescência e conclusão. *Sim. É isso, sim. O amor é uma coisa esquisita mesmo.*

Hamilton

Paulo Nunes de Oliveira*

A primeira vez foi logo após o café, no domingo de manhã. Como sempre, foi o primeiro do grupo a acordar, às oito horas, já estava acabando o desjejum. Ao subir para o quarto, um tremor no lado esquerdo, como se fosse um arrepio de frio, e uma dormência no braço. Tonteou. Entrou no quarto, mas não acordou Bernardo, lateral esquerdo, seu colega de concentração. Sentou-se na cama e fechou os olhos, esperando o mal-estar passar. Creditou à ansia que estava sentindo. Na verdade, não lembrava a última vez em que estivera tão ansioso antes de uma partida. Estava com trinta e cinco anos, tinha treze de Europa, três copas do mundo, e ainda cogitavam seu nome para a próxima, no ano seguinte. E não lembrava a última vez em que estivera tão nervoso. Era apenas a final do campeonato regional, o segundo e decisivo jogo. Mas, era contra "eles". E ele não tinha podido jogar a primeira partida, por suspensão pelo terceiro cartão amarelo. A derrota de dois a um tinha sido injusta. Mas, hoje, o jogo era no nosso estádio, que estaria totalmente vermelho, exceto por aquele mísero cantinho azul. Como queria que seu pai pudesse assistir àquela partida. Seu pai era a segunda coisa que mais amava na vida. A terceira era o vermelho. A primeira, o futebol.

* Juiz do Trabalho da 13ª Região

Desde criança, ia aos jogos do vermelho com seu pai. Era o melhor dia da semana. Futebol com a turma pela manhã, no campinho careca do bairro, churrasco ao meio-dia e estádio à tarde. Só não ia, se o jogo fosse contra os azuis no campo deles. Seu pai dizia que não era porco, para ir ao chiqueiro. Dizia isso comendo uma costela gorda, lambuzando o vasto bigode. Ele adorava aquilo. Adorava tudo o que o pai fazia. Só não gostava, quando ele não aceitava os convites, para que fosse treinar nos times da cidade.

– Só quando acabar o ginásio – dizia ele.

Não deu tempo. Seu pai morreu no dia de seu 13º aniversário. Coração. Fulminante. Pela primeira vez, chorou.

Seu tio, irmão de sua mãe, levou-o, para fazer um teste. Nos azuis. Disse que só levaria, se fosse nos azuis. Ele foi. Queria jogar, sempre quis jogar, não importava onde. Sabia que, se seu pai estivesse vivo, isso jamais aconteceria. Um filho nos azuis? Preferiria a morte. No teste, com o time sub-15, após dois toques na bola – o primeiro, um gol de bate-pronto, e o segundo, um passe de calcanhar de mais de quinze metros – o treinador parou o treino, chamou o menino de lado e perguntou seu nome:

– Hamilton Filho – respondeu, engrossando a voz, escorregando nos falsetes da adolescência recém-chegada.

O treinador, rindo, perguntou:

– E qual a tua idade, *Hamilton Filho?* – imitando o jeito de falar do menino.

– Quatorze, mas já, já faço quinze, e minha mãe deixa eu viajar, e eu jogo em qualquer posição do lado esquerdo – perdendo o fôlego, ao despejar as palavras.

Foi campeão brasileiro sub-17 naquele mesmo ano. Nunca chegou a jogar no sub-15, onde sua qualidade o fazia destoar do resto dos pequenos jogadores. Com dezoito anos, estreou nos titulares. Dois gols e o melhor em campo para todas as estações de rádio que cobriram o espetáculo. Jogou quatro anos no azul, com

quatro títulos regionais, dois brasileiros e um vice-campeonato continental. Foram vários jogos contra os vermelhos. Odiava os dias que antecediam esses jogos, ficava triste, mal-humorado. Mas, na hora da partida, tudo era esquecido. Amava jogar futebol, mesmo que fosse contra seu clube do coração. Marcou vários gols, alguns antológicos. À noite, porém, era assombrado por pesadelos horríveis. Sonhava que estava fazendo o gol, o mesmo que fizera na partida, e, quando olhava para a arquibancada, via seu pai, de costas, caminhando em direção à saída do estádio. Acordava suado, ofegante, às vezes, com remorso.

O dia mais feliz da sua vida foi o da sua venda para o Benfica, de Portugal. A primeira coisa em que pensou, quando assinou o contrato, foi no fim dos pesadelos. Jogou dois anos no Benfica, três na Juventus, da Itália, e oito no Real Madrid, da Espanha. A Europa mudou sua vida, deu-lhe cultura e, principalmente, dinheiro, muito dinheiro, que ele soube aplicar muito bem. Com trinta e cinco anos, final de contrato com o Real, patrimônio suficiente para a sua terceira geração, achou que era hora de realizar um sonho. Assim, foi apresentado, no início daquele ano, como o mais novo reforço dos vermelhos.

Após o almoço, voltou a sentir arrepios e tonturas. Resolveu não comentar nada com os médicos. Não gostava do jeito que o tratavam, cheio de medidas e tentativas de privilégios. Não se achava mais do que os outros jogadores. No caminho para o estádio, no ônibus da equipe, via os torcedores caminhando em direção ao estádio. Percebeu, quase por acaso, que procurava achar, entre os torcedores, uma dupla que o lembrasse dele e seu pai, vinte e poucos anos atrás. Por um momento, esqueceu a ansiedade e voltou no tempo, lembrando-se dos grandes domingos em que não precisava do dinheiro que tinha agora, apenas curtindo as três coisas que mais amava: o vermelho, seu pai e o futebol. Falta apenas ele, pensou.

No vestiário, o aquecimento estava mais pesado que o normal. As pernas estavam bambeando, a cabeça estava longe, e

o peito estava apertado. O braço, dormente. Enlouqueceu, quando entrou em campo. Não acreditava que estava jogando, de vermelho, contra os azuis. E, no seu estádio, naquelas arquibancadas a que ele ia todos os domingos. Chorou, pela segunda vez.

À medida que o jogo transcorria, a sua ansiedade aumentava. Não entendia aquela dor no peito e a falta de força nas pernas. Ele estava muito bem fisicamente. Era um dos melhores atletas nos testes físicos. O lado esquerdo do corpo parecia que não respondia aos comandos do seu cérebro. Cérebro. Era como o chamavam no Real Madrid, "*El Cerebro*", pela sua capacidade de antever o jogo.

Quarenta minutos do segundo tempo, e ainda zero a zero.

Aos quarenta e três minutos, Bernardo rouba uma bola na lateral do campo. No mesmo instante, Hamilton sente a dor no peito. Antevendo a jogada, no único momento de distração de seu marcador, corre para a área. Não sente as pernas, não sabe como está correndo, mas vê quando Bernardo estica o passe longo, alto, que cai exatamente em seu peito. Dor. Hamilton percebe que está caindo pela força da batida da bola em seu peito, mas também percebe a bola, que, mansamente, vem caindo ao seu lado. Era o resquício da habilidade que, ao final, ainda lhe era companheira. Em um esforço final, projeta a perna esquerda para o alto e, com o peito do pé, bate forte para o fundo da rede. Gol. Gol. Gritos. Loucura. A dor em seu peito é insuportável, mas Hamilton sorri. Tenta levantar, mas não consegue. Suas pernas não obedecem. A dor aumenta. Ele se entrega. No chão, no seu gramado, no seu estádio, com a sua torcida, ele se entrega.

Antes de fechar os olhos, ele olha para a arquibancada e vê, aos berros, pulando, ao lado de um menino, um velho bigodudo às lágrimas, mandando-lhe beijos.

Tudo ficou escuro.

Insônia

Nelson Julio Martini Ribas*

Sozinho em seu apartamento, assume todas as tarefas domésticas, por pura necessidade. Atordoado pelas redes sociais e sites de notícias sobre a pandemia do coronavírus, que se instalou sobre o país e o mundo, segue à risca as orientações sobre a prevenção para evitar o contágio. Sai de casa apenas uma vez por semana para ir ao supermercado e à farmácia, ou, vez por outra, para levar os sacos de lixo até o depósito no subsolo do edifício. Sempre com a máscara cirúrgica sobre o nariz e a boca. Ao chegar da rua, deixa o sapato do lado de fora da porta, toma banho e troca de roupas. Adaptado à inusitada realidade, prepara suas refeições, lê aqueles livros que foram sendo deixados para depois e se aventura a escrever contos e poesias. São poucas as horas para tantas atividades.

Decorridos mais de seis meses, a pandemia continua, mas o ócio produtivo cede ao marasmo e a cada dia fica mais difícil cumprir os rituais de prevenção. Passa a consumir alimentos congelados e pré-prontos. As tarefas práticas tornam-se penosas e revive o passado, em relances que a memória lhe traz. Nas poucas horas que consegue adormecer, mergulha em sonhos perturbadores, como se estivesse diante do Juízo Final, sendo julgado pelos atos de toda a vida.

* Juiz do Trabalho da 4ª Região

Ao sair para o supermercado, percebe na porta do apartamento em frente uma sandália de tiras de couro, adornada com uma flor colorida sobre o dorso. Se dá conta que mora no prédio há mais de cinco anos e sequer conhece seus vizinhos. De quem será aquela sandália jogada na soleira da porta? O elevador interrompe seus pensamentos e esquece da vizinhança. Ao voltar, a sandália não está mais lá. Natural, pensa, a pessoa deve ter saído e eu não tenho que ficar bisbilhotando.

Guarda os mantimentos, esquecendo de desinfetar as embalagens com álcool gel. Toma um banho e veste as mesmas roupas, transgredindo o protocolo de prevenção à Covid19. Pega um livro e, logo na segunda página, não consegue se concentrar na leitura. Imagina interagir com as personagens, que estão a lhe espreitar. Entre elas uma mulher nua se aproxima, sorrindo, calçando a sandália de tiras de couro. Levanta-se num sobressalto e vai até o corredor. Lá está a sandália, um pé sobre o outro. Chegou apressada, deduz. Fica se perguntando, como é que a sandália foi parar lá, se a mulher estava comigo e não a vi sair?

À noite, permanece assombrado pelas lembranças remotas e os autojulgamentos que vêm se sucedendo. Ouve vozes, sussurros intercalados por gemidos. Tenta sair do estado de torpor e não consegue, até que um grito de socorro lhe desperta. Corre a abrir a porta. Tem mais um calçado ao lado da sandália. Parece um mocassim, observa, ou será uma sapatilha? Sei lá, se gritarem novamente, chamo a polícia.

Passa o dia a indagar-se sobre os calçados na porta vizinha. A sandália florida é de uma jovem, certamente, mas, o mocassim, será um namorado? E se for uma sapatilha? Será amiga... ou namorada? Espero que estejam se protegendo da pandemia.

À tardinha, sai para descartar o lixo e observa que apenas a sandália continua na mesma posição do dia anterior. Lembra do grito de socorro, pensa em tocar a campainha e perguntar se está tudo bem, mas desiste. As situações que vêm vivenciando o deixam confuso e medroso.

Outra noite de insônia parece estar se iniciando, quando ouve uma balbúrdia, música em volume estridente, cantoria, gemidos e gritos. Perturbado pelo desassossego, vai até o corredor e encontra a sandália de tiras de couro na soleira da sua porta, jogada em cima do seu sapato, e mais de uma dezena de calçados espalhados pelo chão. Pensa em ligar para o síndico, mas este jamais se importou com suas queixas. Reclama pelo interfone à portaria, denunciando a aglomeração e exigindo que se ponha um fim na baderna. O porteiro diz que tomará providências, mas, nada acontece.

Desce até o saguão e, enfurecido, reclama mais uma vez do barulho. O porteiro diz para o vovô se acalmar, que o apartamento em frente ao seu está desocupado, faz muito tempo. Pede que vá se vestir, porque não convém andar só de cueca pelo prédio.

Ivo

Roberto José Ferreira de Almada*

Ivo, nosso herói, era um sujeito azedo, desses que tinham horror de salamaleques e gentilezas desnecessárias nos tratos sociais.

Durante a missa, oficiada pelo velho padre da paróquia, por exemplo, ele fazia força para reprimir seus impulsos de sair porta afora da Igreja durante o sermão, tão enfadonho que achava a cantilena repetitiva das celebrações.

No escritório, onde desempenhava ofício de menor relevância, acumulando chefes por toda a repartição e tendo que a todos eles dar repetidas satisfações sobre as suas tarefas, mastigava entre os dentes apenas um "bom dia" ao chegar e uma "boa tarde" ao sair, sem fazer camaradagens ou se achegar a qualquer dos colegas, zelando por sua imagem e pelo seu introspectivo jeito de ser.

Em família as coisas não eram diferentes. Família, propriamente, não, pois era filho único de velha mãe solteira. Nada de amigos a frequentar a casa ou visitas a fazer, nenhum lugar para ir nos fins de semana que não fosse à igreja, aos domingos e, durante os dias de labuta, era de casa para o serviço e do serviço para casa.

* Juiz do Trabalho da 17ª Região

Ivo vivia só. Nunca namorou e a mãe, sua fiel e solitária companheira de uma vida inteira, de quem cuidou com esmero nos últimos anos, acometida por uma doença sinistra que afetou a sua mente e a tornou progressivamente abobada, morreu faz pouco tempo. O seu corpo ainda estava fresco a esta altura, a se decompor na cova.

Ivo estava a se acostumar com a vida em regime de absoluta solidão. De namorada nunca sentiu falta, nem de amigos ou de prazeres mundanos. Avesso aos esportes em geral, ao futebol em particular, não era adepto de atividades físicas e a leitura era muito ocasional, por falta de hábito. Quando não estava na repartição, dedicando-se às suas tarefas repetitivas e enfadonhas, de um típico estafeta, era só atenções para a velha mãe. Impaciente por natureza, passava muito rápido pelas gôndolas da padaria a caminho de casa, na volta do serviço, trazendo alguma coisa para o lanche da noite. Nos fins de semana era ele quem se punha a cozinhar um feijão e uma carne, para se refastelarem ambos em suas refeições. As idas à farmácia também eram assíduas, por serem muitos os remédios dados à mãe, que nos últimos tempos passou também a frequentar o hospital, para atendimentos emergenciais e internações cada vez mais constantes. Fora isso, a rotina de Ivo era invariável e o seu grande prazer era cuidar da mãe, dando a ela atenções e cuidados que a ninguém mais proporcionava.

Agora, morta a mãe, o que seria de Ivo?

Em casa nada tinha a fazer que não fosse acompanhar alguns poucos programas na televisão ou se ocupar das tarefas do lar, um tanto impróprias para uma pessoa da sua condição, tão desprovida de vaidade e de luxos. O habitáculo era tão minúsculo que um átimo era tempo necessário para concluir a faxina, a arrumação da cama e a lavagem das roupas.

Era preciso que Ivo encontrasse uma ocupação para não morrer de tédio. O que fazer?

Ivo teve uma ideia. Aprenderia música, ou melhor, se daria a praticar algum instrumento musical. Mas qual instrumento? Piano, violão, flauta? Ele nunca havia experimentado tocar sequer um tambor e a sua experiência com música era nenhuma, comparável à de uma criança de colo.

Não havia outra coisa a fazer senão se dirigir até uma escola de música, dentre as muitas da cidade, para obter as informações que precisava para fazer a difícil escolha do instrumento a tocar.

No sábado seguinte, pela manhã, Ivo foi à escola de música do seu bairro, vestindo roupa de fim de semana, com os cabelos penteados e um olhar de menino que se vê despejado pela primeira vez na creche, ao desabrigo dos peitos da mãe.

A moça do balcão estava assoberbada, atendendo várias pessoas ao mesmo tempo, umas querendo pagar a mensalidade, outras marcando aulas de reposição e outras se inscrevendo para um recital qualquer. A hora parecia ser das mais impróprias. A impaciência de Ivo recomendava que ele partisse dali para fora imediatamente. Foi o que ele fez.

Na calçada, Ivo estancou de súbito. Voltar para casa não era opção. Mais um sábado perdido a olhar para a TV, como um autômato maldito, o dia inteiro, até cair no sono. Não! Isso estava fora de questão! Era preciso conversar com a moça.

Ivo respirou fundo e se encheu de coragem para enfrentar a multidão até ser recebido pela moça do balcão. Voltou à recepção da escola de música e se postou ao fim da fila de atendimento. Pacientemente, reprimindo sua verve natural avessa às situações enfadonhas da vida, Ivo esperou até chegar a sua vez.

Quando, enfim, a moça o atendeu, dando-lhe um bom dia, já havia na fila uma quantidade considerável de pessoas a esperar por atendimento atrás de Ivo. Isso o deixou sem jeito. Ele balbuciou um cumprimento tímido e ensaiou dizer à moça que precisava de orientação a respeito do melhor instrumento musical a tocar, pois pretendia fazer aulas naquela escola.

A moça, feitosa, tentou dizer, no breve tempo que tinha para atender Ivo, quais seriam as melhores opções, aos olhos dela, mas sem poder se alongar nas considerações, porque, afinal, era tanta gente a esperar por atendimento, você compreende, não?

Ivo assentiu com um leve movimento de cabeça e, tímido, perguntou se poderia voltar outra hora para ter com a moça aquela conversa. De fato, aquele não parecia ser o melhor dia...

A moça respondeu que sim, lógico que sim, mas que a perdoasse, pois o sábado era sempre assim, cheio de gente a procurar atendimento no balcão.

Ivo se despediu, não sem antes se certificar de que a secretaria da escola, durante a semana, funcionava até tarde da noite. Dava perfeitamente para ele passar por lá na volta do serviço, a caminho de casa.

Foi assim que ele fez. Logo na segunda-feira seguinte, após o expediente, Ivo parou na escola de música, a caminho de casa.

A moça estava lá no balcão, sem ninguém para atender que não fosse ele, o nosso herói, que não reprimiu uma leve sensação de vazio no estômago, a denunciar a descarga da emoção que o tomava de assalto, algo que jamais havia sentido.

A caminho do balcão, com um sorriso tímido a escorrer involuntariamente para fora dos lábios, Ivo percebeu que a atendente se tratava de uma bela moça. Gaguejou nervoso ao pronunciar as primeiras palavras, tentando fazer com que ela se lembrasse dele, no atendimento do último sábado que foi interrompido pelo tumulto da clientela da escola.

A moça prontamente respondeu dizendo se lembrar dele sim, o moço que queria saber qual o melhor instrumento para tocar em suas aulas de música. De um único golpe, a atendente pegou Ivo pela mão e já o saiu puxando para uma sala ao lado da recepção, onde se espalhavam os mais variados instrumentos musicais.

Veja – disse ela, sorrindo – aqui o senhor pode ter uma noção melhor das opções. Temos professores para todos os instrumentos desta sala.

Havia violão, cavaquinho, guitarra, xilofone e acordeão, corneta, pistão, flauta, saxofone, piano e órgão elétrico, bateria, tambor, violino e baixo, enfim, tudo o que era preciso para montar uma orquestra decente.

Ivo sorriu tímido, com as faces coradas de vergonha, sem jeito diante da desenvoltura do tratamento que a moça lhe dispensava.

Então – disse ele – isso só aumenta minhas dúvidas...

E arrematou – Bem que a gente podia sair dia desses para tomar um sorvete, aqui por perto. Quem sabe você me ajuda nessa escolha tão difícil?

Nem mesmo ele se reconheceu naquele impetuoso convite feito à moça que, sem pestanejar, aceitou a proposta.

– Lógico – respondeu ela – Vamos tomar um sorvete aqui bem perto, na esquina, hoje ainda. Saio do serviço às nove. Pode ser?

Ivo, ainda atônito com a petulância do seu convite, concordou ligeiro. E sem olhar para trás, talvez com medo da moça se arrepender do que disse, dela se despediu.

Em casa, Ivo correu para o armário e tirou de lá a sua melhor camisa e trocou de sapatos. Escovou bem os cabelos e se sentou no sofá esperando a hora de buscar a moça na escola de música.

Quem diria, pensou consigo, logo ele, teria o primeiro encontro com uma moça. E não era uma moça qualquer. Uma moça bonita que só vendo! Enebriado com as emoções nunca antes experimentadas, deixando escorrer pelas mãos um suor quente dos infernos, que denunciava seu nervosismo, mal disfarçado pelo perfume barato que espalhou no rosto com aquelas mãos meladas, Ivo se levantou para se encontrar com a moça. Já era hora!

Pela primeira vez não se lembrava da mãe nem se queixava do seu triste e solitário destino. Ivo não se sentia azedo e pensou que não haveria mal algum em tratar com fidalguia a moça que o aguardava no portão da escola de música. Pelo contrário, ele haveria de brindá-la com gestos de eloquente gentileza. Oxalá tivesse um carro seu, para abrir a porta para a donzela com todos os salamaleques próprios para a ocasião.

Afoito e tomado de enorme ansiedade, ao cruzar a rua da sua casa, Ivo não percebeu que um ônibus enorme vinha em sua direção. Morreu atropelado inesperada e instantaneamente, enquanto a moça o aguardava no portão da escola.

Sal empilhado

Deizimar Mendonça Oliveira*

Gerusa põe a lenha no fogão e sai para procurar gravetos no barracão. Julinho engatinha três passos na direção da porta e ela diz você não me venha atrás de mim, fica aí. O bebê faz que vai chorar e ela: *não dê um pio, tá ouvindo? Se a menina acorda, quem vai dar conta do almoço? Fica quieto, toma, brinca com esse papelão.*

Ela puxa a porta, é melhor deixar fechada. Dá a volta na pequena casa de adobe e as galinhas a rodeiam, *vão pra lá, não é hora de comer.* Uma galinha sacoleja os braços que lhe faltam, correndo desengonçada perseguida por um galo.

Ele a alcança, prende a nuca dela com o bico, monta sobre ela até que ela solte um cacarejo apavorado seguido de outros cacarejos estridentes e infinitos.

Gerusa para um momento, depois corre até lá e enxota os bichos, *sai de cima dela, já chega, a coitada mal consegue respirar.* O galo recomeça a perseguição.

No barracão tem merda de galinha para todo canto, mas não tem graveto. Ela enxota as galinhas que estão sobre o rádio amador, passa a barra da saia sobre o aparelho e pega uma

* Juíza do Trabalho da 23ª Região

vassoura. O chão é de terra batida, mas não precisa ser uma porqueira.

O sol belisca suas pálpebras e suas narinas quando sai do barracão, o cheiro a sal lá dentro é intenso devido ao empilhamento das sacas para alimentar o gado. Ela estende a mão sobre a testa e olha ao longe, não vê sinal de alma viva. Dá a volta e passa por trás da casa, sobre o jirau as roupas que deixou quarando mais cedo já estão duras, mas ela passa direto. Vai até o varal e recolhe as cascas de laranja.

Empurra a porta de casa e deixa correr o vento fresco, o calor lá fora está de doer. Gerusa põe as cascas de laranja sobre a lenha, apanha o papelão, rasga e põe no fogão, o fogo vai ter que pegar sem gravetos.

Julinho brinca com o arroz que espalhou pelo chão depois de puxar a tigela de alumínio de sobre a mesa. Ele engatinha até a mãe e chora quando ela se recusa a pegá-lo no colo. Outro choro bem mais jovem ecoa do quarto, primeiro fino, depois mais e mais intenso até que Gerusa largue o fósforo sobre a mesa e vá para o quarto murmurando *inferno*.

Gerusa tira a fralda de Luiza e a arremessa pela janela, na direção do tanque. Sai com a menina nua e a lava na torneira. Tem fralda seca no varal, mas ela ouve o crepitar do fogo e o choro de Julinho. Corre para a casa com a mais nova pendurada no braço direito, agarrada ao peito, sem panos. Aquieta o menino com um pedaço de pão seco e põe as panelas no fogão, não sem antes recolher o arroz esparramado pela casa.

Ela cozinha com Luiza nos braços e Julinho agarrado às suas pernas.

Um menino de oito anos atravessa a porta e se joga no chão. *Guarda as suas tralhas, antes que o Julinho se enganche no anzol, aí eu quero ver.* O menino não se move. Emborca o corpo no chão. *Luiz César, guarda as suas tralhas, ou quer uma sova?* O menino murmura. *Não responda sua mãe!* Ele sai com as varas

de pescar e o cesto vazio, boca de mãe nunca erra, ela disse que não pegaria nada.

Depois que alimenta os bebês, Gerusa os coloca na cama e vai lavar a roupa. Luiz César quer ir caçar passarinhos com estilingue, mas ela não deixa. *Vai ver se o seu pai já está chegando.*

Ela estende as roupas, varre o terreiro e dá comida para o Luiz. Desiste de esperar Julião e almoça também. Tem que limpar o casarão. E se o Seu Rosalvo vier?

Ela limpa a sede três vezes por semana, mas toda vez tem serviço extra, os morcegos que sujaram a varanda, a terra que entrou pelas frestas, os ratos que furaram o saco de farinha, o cheiro de perdido que se impregnou nas cortinas nos lençóis e no coração da casa. O pior é achar rato morto nos armários porque tem de lavar toda a louça, os copos, os talheres, se não bastasse lavar o chão.

Anoitece, Julião não está.

Ela acende a lamparina e deixa Luiz César deitar no seu colo, mas só um pouquinho para não ficar manhoso. Durante a noite, tem sobressaltos com os barulhos, mas não consegue distinguir se os estalidos vêm de fora ou de dentro de sua cabeça. O cansaço não lhe permite despertar, os sobressaltos não lhe permitem dormir.

Dois dias sem Julião. Gerusa vai até o aparelho que havia limpado com a barra da saia, o jeito é passar um rádio. Ele pode estar ferido. Se for outra coisa (não outra mulher, pois ele não teria o desplante), o patrão vai saber que no trabalho ele não está.

Só quem usa o rádio é Julião e apenas em caso de necessidade (um boi atolado, uma vaca que não consegue parir, uma visita da fiscalização). Ainda assim, nem sempre adianta, pois os 150 quilômetros até o distrito são em estrada de terra e às vezes não há como o patrão comunicar-se com alguém da vila (basta um temporal para os telefones serem cortados) e nem

todos os dias tem na vila um caminhão, um veterinário ou um profissional adequado para dar solução ao problema da vez. Por isso é que o Seu Rosalvo manda vir alguém de carro uma vez por semana. E uma vez por mês, quando Julião recebe o salário, ele vai nesse carro fazer as compras de casa e traz uma rapadura, um calçado, algum agrado para os pequenos.

Gerusa aperta os botões e tenta pedir socorro, mas não recebe resposta. Não sabe se está fazendo errado (parece não haver mistério, é apertar e falar), mas o aparelho fica mudo na primeira tentativa e em todas as demais.

Então, não tem jeito, ela mesma vai ter que ir atrás de Julião.

É madrugada quando ela amarra Luiza no peito e pendura Julinho na cintura. Luiz César carrega uma garrafa d'água e um saco de pão. Eles atravessam calados o perímetro descampado, o pequeno bosque e um trecho de mata. Luís César já entende das coisas e Gerusa lhe explicou que tem de agir como homem que é. Os dois pequenos entendem a gravidade pelo inusitado da situação – ou estão apenas anestesiados: é a primeira vez que o ar fresco da madrugada invade seus pulmõezinhos de seda.

Gerusa calcula uma longa caminhada porque sabe que a fazenda é distante de tudo. Tem a opção de ir pela beira do rio, pois há mais chance de encontrar alguém na água do que na estrada: tem gente que sobe o rio de lancha só para pescar. Mas decide ir na direção da estrada, afinal Julião saiu a cavalo.

Eles caminham com intervalos, pois os braços de Gerusa adormecem rapidamente e as escápulas dão beliscões que atingem os ombros e alcançam o pescoço.

Mas apenas quatro horas de caminhada bastam. Um cavalo aparece no raio de visão deles, encostado na porteira, como se alguém tivesse apeado e o deixado amarrado no poste.

Ela percebe seus pulmões trabalhando mais rápido, mas mantém o ritmo da caminhada. Até que os 4 seres humanos se aproximam o suficiente para constatar que há um corpo

pendurado no cavalo, com os pés presos ao estribo, e outros seres vivos ao redor e dentro, saindo pelos orifícios, caminhando e voejando por cima.

Gerusa larga Julinho no chão e Luiza nos braços de Luiz César antes de correr para o corpo. Um gosto a estragado penetra sua garganta e ela põe a mão no rosto prendendo a respiração. Ela pega nas pernas do morto, tentando desprendê-las, mas o corpo rijo não cede, o laço está enrolado no pulso, preso na mão e enroscado na porteira e o peso daquele corpo tem para mais de 100 quilos, é uma tarefa impossível.

Ela põe as mãos na cabeça e olha para a cena, senta num tronco, apoia a cabeça nas mãos, levanta e se aproxima de novo. O sol cai em blocos sobre todos eles, ela sua vertiginosamente e tem ímpetos de vomitar. Vira-se com o sacolejo do estômago e vê as crianças se aproximando lentamente, Luiz César com um lago formado nos olhos e os soluços saltando de suas cordas vocais irreprimíveis, a pequena nos braços, o outro agarrado à sua perna se arrastando.

Gerusa toma Luiza e a acomoda no peito, passa a mão no rosto de Luiz César, depois enxuga o suor do menino com a barra da saia e usa o tecido para drenar também o lago já cascadeando em sua face, põe Julinho na cintura e diz *vamos!*

O percurso de volta é ainda mais mudo que o de ida. É denso e assustador como a mata, os ruídos assombrando incógnitos.

Luiz César fica amuado riscando as paredes de adobe com a ponta de um galho, mas a mãe não cede, *ninguém sai de casa enquanto o carro não chegar.*

O carro chega dois dias depois, os preparativos são feitos, o velório a caixão fechado.

Seu Rosalvo diz para Gerusa não se preocupar, ela pode ficar morando na casa enquanto não arrumar lugar para ficar. O outro vaqueiro ainda leva uns dias para chegar.

Ele dá a ela um dinheiro, diz que é o salário do Julião. Que ela não se preocupe, ele já pagou pelo funeral, foi uma fatalidade.

Gerusa aproveita o carro, leva suas coisas e suas crianças para o distrito.

Carrega apenas uma trouxa de roupas. No esôfago, escorre o luto engolido às pressas.

Uma mulher chamada Maria, amiga do seu Rosalvo, que tem uma chácara dentro da cidade, oferece a ela um emprego. Mas não quer o menino maior à toa, tem que ajudar na lida.

Só mais uma coisa Maria quer saber: se Gerusa tem experiência, se já teve algum emprego.

Não tenho não senhora, nunca trabalhei para fora, mas sou boa pra aprender.

Segunda Via

Fernanda Itri Pelligrini*

Morrer aos quarenta e cinco anos era algo que eu, definitivamente, não esperava, ainda mais de forma tão humilhante, engasgada com uma espinha de peixe. Nunca gostei de feijão branco, ainda mais com aqueles pedaços de peixe boiando, e suas espinhas. O leitor pode constatar, facilmente, que eu tinha razão, afinal, foi com uma dessas espinhas boiantes que me engasguei e morri. Pior do que a maneira como abandonei meu belo corpo físico, foi o tratamento que recebi no além morte.

Um dia eu era uma bela mulher, dona de um corpo invejável, mantido com horas de academia e milhares de reais em plásticas, e de uma boa fortuna. Não era adepta das redes sociais, a fama digital é coisa de emergente, minha família, no entanto, estava na oitava geração de riqueza e minha fama era construída nas altas-rodas sociais e de cultura, apenas aqueles que interessam e são interessantes conheciam o meu nome. Nunca estive em uma única fila na minha vida, tomava somente café do tipo italiano e considerava estes cafés de máquina apenas mais uma extravagância de emergentes. Aliás, muita coisa que você, leitor, considera gourmet são, na verdade, apenas verniz da pobreza emergente, a própria palavra gourmet é uma destas coisas.

* Juíza do Trabalho da 2ª Região

O problema dos emergentes é que eles têm dinheiro, enquanto que muitos das altas-rodas não mais o possuem, então, abriu-se espaço para os novos-ricos e seus velhos gostos pobres, entre eles, o feijão branco com peixe, bacalhau na realidade, que junto com o salmão é o peixe preferido dos emergentes, porque é caro e assim eles ostentam poder de compra. Eu sou uma mulher educada, e quando me ofereceram um prato deste feijão branco com peixe, durante a festa de aniversário de uma das revistas publicadas pelo grupo editorial de minha família, iguaria preferida de um de nossos maiores anunciantes, e emergente, eu aceitei. Engasguei e morri, em plena alta-roda, mas cercada de emergentes e subalternos.

Devo ter fechado os olhos no momento da morte, porque não percebi de que modo cheguei até aquela sala de espera, apenas sei dizer que pareceu uma piscada e eu estava lá, sentada em uma daquelas cadeiras de tecido acolchoado azul, igual de laboratório que atende por convênio médico, junto a outros recém-falecidos. Todo o lugar cheirava a café frio, o que provavelmente se devia aos vários copinhos de plástico acumulados no lixo, até com alguns caídos ao redor. À mesa da recepção sentava-se uma senhora de corpo avantajado, seus cabelos tinham o formato dado por bobes de acordo com alguma moda que já caíra em desuso há décadas, seus óculos apoiavam-se na ponta de seu nariz, o qual tinha o formato ligeiramente triangular. Ao seu lado uma pilha de papéis.

- São as fichas dos falecidos - uma voz idosa, e estranhamente animada, falou.

- O quê? - eu perguntei.

- As fichas dos falecidos, para serem chamados lá dentro, para a leitura do dossiê. Você não entregou a sua?

- Acredito que eu não tenha uma.

- Todos nós chegamos com uma destas. Procure bem, a sua deve estar em algum lugar.

Eu me levantei, contrariada com aquele acontecimento, já não bastasse eu ter que esperar, ainda deveria entregar uma ficha para ser atendida, e eu nem sabia onde estava este papel.

– Não encontro nada. Deve ser porque há um equívoco, eu não deveria estar aqui.

– Ah minha querida, se você não possui o pacote Premium pós-Morte, é aqui mesmo que você deve ser atendida. Me diga, você o possui?

– Não tenho certeza, mas acredito que sim, afinal, se é premium.

– Ah que sorte a sua. Aqueles que possuem o pacote Premium não precisam ficar na espera pela abertura do dossiê. Eles são encaminhados para uma área Vip, com quartos bem decorados e jardins, além de apresentação de música clássica. A abertura do dossiê é com dia e hora marcados. E o café – a mulher olhou para a garrafa de plástico, cheia de café frio, com uma expressão que eu considerei completamente compreensível – é do tipo italiano, passado na hora.

– Com certeza essa área vip é o meu lugar. Há um erro em eu estar aqui. Ajude-me a encontrar minha ficha e poderão verificar o erro.

A idosa foi bem solícita, se levantou e me ajudou a procurar. Eu estranhei a agilidade dela para abaixar e olhar sob as cadeiras, mas preferi não comentar. Ela se aproximou de uma jovem que segurava a cabeça constantemente e que estava com as roupas sujas e rasgadas.

– Querida, você viu se, quando essa mulher chegou, ela tinha um papel?

– Eu vi que ela tinha um papel no colo – respondeu a jovem enquanto segurava a própria cabeça sobre o pescoço – mas espirrei e acabei soltando a cabeça por um instante, quando me recompus o papel já havia sumido.

– Pobre moça... – a idosa assumiu um ar de autoridade, que me surpreendeu, e falou para a mulher robusta da recepção – Ei! Dê a essa menina um colar cervical, afinal, esta é a recepção de um pacote “Subprime”, não “Standart”.

A mulher robusta bufou, impacientemente, e falou:

– Ela está deste jeito porque se arriscou, e não o fez por nada que lhe desse crédito, ela não pode pagar este colar com curtidas e, sem crédito, o pacote dela não cobre o colar.

– Eu pago, retire dos meus créditos – a idosa tornara-se séria e convicta, parecia ser outra pessoa.

– Tem certeza? – a expressão de despeito da mulher robusta me revirou o estômago, se é que eu ainda tenho um, e me preparei para pegar meu cartão “Black” e esfregar na cara dela, a fim de que não fosse tão indiferente à dor de um recém-falecido, mas me lembrei que o cartão ficara para trás, junto com minha fortuna e meu belo corpo.

A robusta pegou o colar cervical de dentro de um armário barulhento e entregou para a idosa, que ajudou a jovem a vesti-lo.

– Me sinto muito melhor agora – a jovem falou.

Quando finalmente aquela moça pôde parar de segurar a cabeça sobre o próprio pescoço eu a reconheci. Era uma “influencer” do Instagram, famosa por suas selfies em cima de pedras, cachoeiras e na beira de precipícios. Uma vez ela foi à Europa e fez uma selfie, sorrindo, onde antes fora um Campo de Concentração Nazista, recebeu muitas críticas, deu causa a discussões sobre a futilidade das redes sociais, e ganhou milhares de seguidores e muito dinheiro com isso. Constatar o fato de que eu estava dividindo a sala de espera com uma emergente, celebridade de rede social, me deu um senso de urgência e propósito para procurar minha ficha. Eu precisava provar, o mais rápido possível, que não pertencia àquele lugar.

Eu confesso leitor, e não tenho orgulho disso, que perdi completamente a minha compostura. Ajoelhei-me no chão para procurar embaixo dos móveis, fuzei no lixo com os copos sujos de café e até fiz a corpulenta se levantar para ver se ela não estava sentada em cima da ficha. Nada, nem sinal daquele papel.

– Não se preocupe minha querida – a idosa falou para mim com um ar afetuoso, e eu comecei a ter medo das mudanças de tom dela, desconfiei de alguma bipolaridade ou esquizofrenia – você só precisa fazer outra ficha.

– Mas eu nem sei como consegui a primeira – respondi prestes a chorar de desespero.

– A primeira é mais fácil, ela se materializa automaticamente com a morte e é de graça. Tirar uma segunda via é mais complicado, a taxa não é barata e o departamento de segundas vias de fichas não é muito acessível. Você tem créditos para pagar?

Lembrei, novamente, do meu cartão “Black”. Nunca antes eu sentira tantas saudades de alguma coisa.

– Onde eu verifico meus créditos? – perguntei.

– No aplicativo do seu aparelho de comunicação. Nele é possível acessar todo o seu saldo em tempo real.

– Eu não tenho um aparelho destes.

A idosa olhou de maneira grave para a corpulenta e só então eu percebi que ela estava jogando em um aparelho que parecia um “smartphone”.

– Ah... me desculpe. Eu ia entregar quando ela fosse chamada. O meu não está com essa versão atualizada do come-peixe, eu só queria jogar um pouco.

A idosa tirou o aparelho das mãos da corpulenta e, de maneira assustadora, mudou completamente a expressão quando olhou para mim, de brava e julgadora tornou-se doce e afetuosa.

– Aqui está seu aparelho querida. Olhe em seu aplicativo e verifique se você possui créditos.

O aparelho estava ligeiramente suado por ter ficado nas mãos da corpulenta, olhei para o lado e não havia álcool para higienizá-lo, confortei a mim mesma imaginando que bactérias não tinham alma e que, portanto, não poderiam existir no pós-morte. O aplicativo de créditos funcionava por reconhecimento facial e abriu imediatamente.

– O que é isto aqui? Não estou entendendo – meu extrato constava um crédito, feito há quatro minutos, e mais nada.

– Olha, que interessante – falou a idosa – você morreu sem créditos, mas acabou de obter alguns, e é a quantia exata para pagar pela segunda via. Vamos, eu te levo até o departamento.

Senti um imenso alívio em sair daquele lugar e deixar o cheiro de café frio para trás. A idosa deu sinal para um bonde e ao subir nele me disse:

– Eu vou de bonde, mas você não pode gastar seus créditos. Siga esta rua até uma sorveteria de tijolos amarelos, na sorveteria vire para a esquerda e vá até a estátua do cachorro desconhecido, nela você vira à esquerda de novo e vai até a grande biblioteca, então você vira de novo à esquerda e caminha até um prédio em forma de torre. Eu te encontro na frente dele.

– O que...?

Ela nem me respondeu, o Bonde seguiu e eu fiquei lá, parada, sem saber o quanto teria que caminhar. Mas, meu senso de propósito me encheu de coragem e me preparei para dar o primeiro passo. Seria épico, eu levantei o queixo, senti a brisa e pisei em uma pedra. Lembre-se, leitor, antes de levantar o queixo, olhe bem o que tem embaixo, aprendi isto da pior forma, torcendo meu pé. Eu não tinha mais um corpo, mas, ainda assim, era possível torcer o pé, a falta de lógica do pós-morte estava me enervando. Com dor eu iniciei minha caminhada.

Eu frequentei a igreja quando era criança, aprendi sobre o céu, o purgatório e o paraíso, mas ninguém me falou sobre ruas com bondes, cavalos, bigas, veículos sobre rodas e também voadores, muito menos sobre trapezistas de farol. Depois de oito quarteirões eu estava tão cansada, e com tanto calor, que comecei a desconfiar que estava no inferno, portanto aquela idosa só poderia ser o próprio demônio brincando comigo e me dando esperanças. Não há nada mais cruel do que dar esperanças a alguém já sabendo de antemão que elas não irão se efetivar, com certeza é algo que o diabo faria.

Me sentei em um hidrante para descansar, depois fiquei pensando o porquê de haver um hidrante naquele lugar, a ideia de que eu estava no inferno se fortaleceu, ele deveria servir para quando o fogo sai do controle e aparece onde não deve, tirando a ilusão de pessoas como eu e estragando a brincadeira do sete-peles. Aliás, caro leitor, qual é o nome que você dá para o diabo? Tem vários: demônio, capiroto, belzebu, cão... mas eu gostava mesmo era de chamá-lo de Lulu, não por causa do nome Lúcifer, mas por causa de um Lulu da Pomerânia infernal que minha ex-sogra tinha e que me mordeu uma vez, causando nela a preocupação de ele estar traumatizado por ter me mordido. Ela nem pensou em perguntar se eu estava bem. Quando me separei, minha maior alegria foi saber que meu ex estava morando com a mãe e já tinha levado várias dentadas do Lulu infernal.

Mas estou desviando do assunto. Eu estava lá, sentada, quando o trapezista do farol resolveu falar comigo.

– Está perdida moça?

– Eu espero que não.

– Você não parece bem, posso fazer alguma coisa para te ajudar?

Olhei para aquele moço e fiquei, sinceramente, mexida com sua vontade de me dar alguma ajuda. Ele era um trapezista de farol, no meio do inferno, e ainda queria me ajudar. Tive vontade

de fazer alguma coisa por ele e me bateu de novo aquela saudade do meu cartão "Black". Olhei em seu rosto e percebi que ele se sentia tão sozinho e vulnerável quanto eu sem o meu cartão, ofereci-lhe um abraço. Quando nossos corpos se afastaram eu vi que estava em frente à sorveteria. Vejam só, eu estava tão cansada que nem tinha notado, me despedi do moço e segui para a esquerda.

O caminho que tomei era um pouco mais tranquilo do que o primeiro, não havia trânsito nem poluição sonora e o calor pareceu amainar, mas era lotado de cachorros. Havia cães de todos os tamanhos e formatos, eles corriam de um lado para o outro, alguns tentavam chamar a atenção para brincar e havia muito, muito cocô na calçada. Eu fui desviando dos cocôs e dos cachorros empolgados que pulavam para brincar e lamber quando dei de cara com ele, Lulu, o cão demônio. Neste momento, neste exato momento, eu tive a absoluta certeza de ter sido enviada para o inferno. O chão pareceu mole sob meus pés, eu senti uma vertigem e minha vista embaçou, nada poderia ser pior do que passar a eternidade com Lulu.

Eu estava prestes a desmaiar quando vi Lulu, o cão demônio, engasgar com um biscoito. O cachorro está morto, como era possível que ele engasgasse? Essa incongruência irritante do pós-morte me fez retomar meus sentidos, fui até o Lulu e bati forte em suas costas até ele cuspir o biscoito fora. Eu sei o que você está pensando leitor, e você está errado, eu não o salvei porque encontrei o amor dentro de mim e nada destes pedantismos de publicação de Facebook, eu o fiz porque o fato de ser possível engasgar no pós-morte era uma contradição tão irritante que eu quis parar com aquilo. Coincidentemente, assim que o Lulu infernal cuspiu o pedaço de biscoito, eu avistei a estátua do cão desconhecido, e tomei o caminho da esquerda.

O novo caminho era silencioso e limpo, talvez eu não estivesse no inferno, afinal. Pessoas bonitas, e bem-vestidas passavam concentradas em suas leituras, o que me causou certa aflição, na verdade, já que elas não olhavam por onde andavam

e, caso vocês não se lembrem, eu torci o pé no primeiro passo desta caminhada por não ter olhado para baixo. Dito e feito, um senhor vinha passando ao meu lado, com a cara tão enfiada no livro que ele não seria capaz de ver um Mamute atravessar em sua frente, e tropeçou. Eu fiz tanto esforço para segurá-lo que meu aparelho de comunicação caiu no chão e parou de funcionar. Honestamente, eu nem me importei, afinal ele só me dava acesso a ver aquele saldo mirrado de créditos e um jogo chato de come-peixe, além disso não havia ninguém, no pós-morte, com quem eu quisesse me comunicar (na verdade até havia um ator bonito, norte-americano, que morreu ano passado, mas duvido que me dariam o número dele).

Mal me recompus e avistei a biblioteca, ela era realmente grande, neste momento fiquei na dúvida se um lugar com uma imensa biblioteca seria o céu ou o inferno, vai depender muito de para quem você pergunta. Para mim, posso dizer que eu sorri pela primeira vez desde a minha morte, realmente talvez não fosse o inferno. Peguei o caminho da esquerda e continuei a caminhada.

Avistei a torre e a idosa em frente ao prédio, senti uma imensa alegria por finalmente ter chegado, mas, quando olhei atrás da idosa, vi o lugar de onde eu tinha saído. Eu andei em círculo, ou melhor, em quadrado. Os lugares são vizinhos e, ainda assim, a idosa me mandou caminhar aquilo tudo. Eu concluí: definitivamente é o inferno. Cheguei perto dela no pior humor que já sentira, mas ela pareceu não se importar, estava com o sorriso mais angelical.

– Por que a senhora me fez dar essa toda essa volta?

– Porque você não podia fazer outro caminho. Eu falei para você, o acesso é difícil.

Bipolaridade e esquizofrenia eu já riscara das possibilidades de doença daquela senhora, estava mais para psicopatia ou sociopatia, senti-me gelar de medo ao vê-la sorrindo e

balançando a cabeça e quando ela colocou a mão no bolso eu pensei: é agora que ela pega o espeto e revela que é o demônio, mas, para minha surpresa, ela tirou um daqueles aparelhos de comunicação, muito mais bonito do que o meu, e me entregou.

– Por que a senhora está me dando isso? – vocês, leitores, com certeza entendem a minha desconfiança, talvez aquilo fosse um aparelho de teletransporte que, finalmente, me mandaria para o fogo eterno depois de o diabo ter brincado comigo.

– Fiquei sabendo que o seu quebrou.

– E agora, o que eu faço?

– Entre na torre e pegue sua segunda via.

– A senhora não vai?

– Prefiro esperar aqui fora.

Quando entrei na torre entendi o porquê de ela preferir esperar lá fora, vinte e cinco metros de escada em caracol. Subi e fui atendida por um homem de poucos fios de cabelo, penteados cuidadosamente para o lado, suspensórios e óculos redondos. Ele encostou meu comunicador em outro aparelho dizendo que os créditos seriam transferidos, não me preocupei porque, afinal, eu só tinha créditos suficientes para aquela operação mesmo. Mas ele soltou uma interjeição que fez com que surgisse a preocupação, será que eu perdera algum crédito pelo caminho?

– A senhora tem muitos créditos aqui, use-os com sabedoria.

Certamente eu não tinha muitos créditos e ele se equivocara, nem pensei a respeito e decidi não contrariar o homem, só queria minha segunda via. Peguei o papel sem me preocupar em verificar seu conteúdo e descii. Aquela senhora, assustadora, estava me esperando.

– E então? – lhe perguntei.

– Agora você entrega sua ficha na recepção.

Me despedi dela e entrei. A primeira coisa que reparei foi que limparam a lixeira de copinhos e o cheiro no ambiente estava de café fresco, sendo passado na hora. Entreguei minha ficha para a corpulenta que a recebeu com ar de indiferença, e fui me sentar. A "influencer" ainda estava esperando, mas tinha uma expressão triste. Eu pensei, ao vê-la daquele jeito, que era difícil, para ela, estar no pós-morte e não poder postar, olhei para o meu aparelho de comunicação e vi que nele havia uma espécie de "bluetooth", então lhe falei:

– Por que você não faz uma selfie e me manda via bluetoooh? Assim eu coloco uma curtida nela.

O rosto da jovem se iluminou e ela fez, não uma, mas trinta selfies diferentes e depois pediu minha opinião, a da corpulenta e de outros recém-falecidos da sala, sobre qual ela deveria enviar. Quando ela finalmente escolheu, eu peguei o meu aparelho para curtir sua foto e, de relance, passei os olhos pelos meus créditos. Pela primeira vez não senti mais saudades de meu cartão "Black". Uma porta se abriu e eu fui chamada, chegara a minha vez para a leitura do Dossiê.

O barnabé no caixa eletrônico

João Luiz Rocha do Nascimento*

Os jornais anunciaram como uma conquista. Dali em diante, disse o governo, ninguém mais precisaria passar horas numa fila para receber seus proventos. O dele chegou pelos Correios. A neta explicou o funcionamento. O procedimento era autoexplicativo, bastava seguir os passos indicados na tela. Nunca fornecer a senha, advertiu. Entusiasmado, se dirigiu ao terminal de autoatendimento. Vestiu a melhor roupa. Calça de linho branca e camisa de casimira inglesa com dois bolsos na altura do peito, um de cada lado, costurados a mão. Lustrou o velho sapato. A ocasião merecia. Seu entusiasmo se multiplicou quando as pessoas, que já se encontravam na fila, cederam-lhe gentilmente o lugar. De acordo com a tabela, era seu dia. Introduziu o cartão magnético com a frente voltada para baixo. A máquina acusou erro de leitura e avisou que a operação teria que ser repetida, dessa vez introduzindo-se corretamente o cartão, o que ele fez, com sucesso. Em seguida, foi-lhe pedido que digitasse a senha com quatro dígitos alfanuméricos, sendo que letra inicial necessariamente deveria ser maiúscula, além de um caractere especial. Fez mais que isso: digitou seis. Senha

* Juiz do Trabalho da 22ª Região

incorreta, denunciou o monitor. Sacou do bolso de lambança um pedaço de papel cuidadosamente dobrado, no qual constava a data de nascimento de sua falecida amada. Olhou pros lados e, seguro de que não tinha ninguém por perto com o olho grande em sua direção, digitou a senha, confirmando-a em seguida. A máquina lhe pediu que confirmasse alguns dados: o dia de nascimento com dois dígitos e o ano com quatro e, por fim, o cadastro de pessoa física sem pontuação entre um número e outro. Teclou as opções que lhe surgiram à frente, todas recusadas, os dados não conferiam. Foi-lhe solicitado então que repetisse a operação, agora de forma pausada, com a advertência de que só lhe restavam duas chances. Perdeu a ambas. Na última, foi-lhe informado, em letras garrafais e intermitentes, que sua senha, por questão de segurança, havia sido bloqueada pelo sistema, que ele entrasse em contato com a central de relacionamentos para resolver o problema e recuperá-la. Irritado, chutou a máquina, soltou alguns palavrões e acusou a parafernália eletrônica de querer lhe tomar seus aposentos. Percebendo o desespero, um usuário que estava imediatamente atrás se ofereceu para ajudar. Desconfiado, recusou. O receio era de que fosse alguém do governo. Além disso, lembrou-se do que disse a neta. Não confiar em ninguém, jamais revelar a senha. Tem que digitar a data de seu nascimento completa, disse outro usuário, que também se ofereceu para ajudar, o senhor fez conforme a orientação? Sou da era de 30, disse o senhorzinho, agora já meio perturbado do juízo com tanta informação. Na sua idade, decorar tudo aquilo. Não conseguia. Não tem essa opção no monitor, disse um terceiro usuário que estava ao seu lado. Acho melhor o senhor falar com o gerente, acrescentou um quarto lá no final, impaciente porque a fila não andava. Mal sabia para quem olhar, se para um lado ou para o outro, tamanha era sua desorientação, agora com um monte de pessoas falando ao mesmo tempo. Antes que fosse tarde, ou tivesse mais uma crise de labirintite, ignorou todas as recomendações, virou-se e se dirigiu ao atendimento dos caixas, queria mesmo era ser

atendido à moda antiga, por uma pessoa e não por uma máquina. Seguiu-se um diálogo confuso. No final, o barnabé soltou mais alguns impropérios e, a contragosto, com o caminhar arrastado e trôpego, parecendo com o de um papagaio, se dirigiu à sala do gerente, que estava lotada. Teve que aguardar mais de uma hora até que finalmente fosse atendido, quando então relatou o ocorrido. O gerente, após breve consulta no sistema, sentenciou:

– Descobri o problema. Para governo o senhor está morto, por isso não conseguiu sacar.

– Como assim, estou vivo! E na sua frente, você não está vendo?

– Sim, eu sei, mas o problema é o governo, ele não sabe. Vai ter que provar pra ele que está vivo. Infelizmente, a burocracia exige.

– Mas como?

– Muito simples. Basta o senhor trazer um atestado de vida com firma reconhecida em cartório e duas testemunhas, que tudo estará resolvido.

– Eu não tenho firma em cartório. Aliás, não tenho firma nenhuma, sou apenas um funcionário que trabalhou para o governo por mais de quarenta anos sem faltar um dia sequer. Quero apenas retirar meus aposentos.

– Sinto muito, o senhor tem que ir ao cartório antes. Agora, se me der licença, tenho outras pessoas para atender. Passar bem.

Desolado, o velhinho saiu dali arrastando os pés e, no primeiro depósito de lixo que avistou, jogou o cartão magnético. Prosseguiu com o mesmo andar trôpego e arrastado, com uma diferença: agora era como se fosse um papagaio molhado num dia de chuva forte, as asas coladas ao corpo, morrendo de frio.

Com a cabeça baixa e os braços cruzados pressionando o peito foi pouco a pouco se encolhendo e diminuindo de tamanho

enquanto caminhava até sumir no final da rua. Diminuiu tanto que não seria exagero dizer: se pretendesse, o que ele realmente fez, poderia se recolher debaixo de uma página de jornal jogada numa calçada da rua, que nem seria notado. De fato, ninguém percebeu, nem mesmo o transeunte distraído que pisou em cima da folha de jornal estendida sobre o chão da calçada antes de atravessar a rua. Parou porque teve a ligeira impressão de, ao pisar com um dos pés sobre a folha do jornal, ouvir, como se vindo de longe e debaixo de seus pés, um som gutural e rouco, algo parecido como um gemido. Curioso, olhou o solado do tênis para ver se tinha pisado sobre algum detrito ou algo estranho, além da folha do jornal. Como nada viu ou nada mais ouviu, balançou a cabeça como quem afasta um pensamento bobo e prosseguiu em direção ao outro lado da rua.

No dia seguinte, os jornais noticiaram o desaparecimento de um idoso. Um aviso no canto da primeira página pedia que qualquer notícia sobre o seu paradeiro fosse imediatamente comunicada à família, que estava aflita e preocupada.

O driver

Vanilson Rodrigues Fernandes*

João Maria saiu feliz do pequeno escritório. Estava tudo certo, disse-lhe o atendente. Em no máximo vinte e quatro horas receberia a senha e o login pelo aparelho celular e, imediatamente, poderia começar a rodar, após baixar o aplicativo. Em média receberia setenta e cinco por cento de cada corrida realizada. Esse percentual de ganho ficou em seu ouvido adoçando-lhe os demais sentidos. Trabalharia nos horários vagos e quando quisesse. Teria ganhos muito vantajosos, ficou repetindo pra si essas palavras. Por dentro, a alegria tomava conta de seu ser. Catarina ficaria maravilhada com essa nova possibilidade. O velho carro doravante ajudaria a melhorar o orçamento doméstico.

No caminho de casa, João Maria ia planejando tudo. Pela manhã, rodaria antes de entrar no Banco, onde já trabalhava como caixa há anos. Saindo da agência, seguiria fazendo corridas. O sábado e o domingo seriam para o descanso e a família. Até poderia fazer corridas nesses dias, mas somente uma ou outra vez. A felicidade subiu-lhe da barriga para o rosto. O estado de torpor não se esvaiu com o pesado trânsito da cidade. Partiu alegre pra casa.

* Juiz do Trabalho da 8ª Região

Ao chegar, abraçou e beijou Catarina. Contou-lhe todos os detalhes e os futuros planos. Com os dois filhos, celebraram aquela conquista que vinha em boa hora. Precisavam comprar uma nova máquina de lavar. Catarina queria trocar o celular, além do televisor da sala. Um jogo de panelas também era preciso. Essas despesas, nem tão grandes, mas tampouco pequenas, eram motivo de severos reclamos da mulher. João Maria vivia para agradar a Catarina. A nova ocupação certamente traria mais paz ao ambiente conjugal.

João Maria jantou, assistiu ao jornal na TV e deitou. Tinha certeza que sua vida melhoraria. Já fazia mentalmente as contas e os ganhos que auferiria. Agora, seria até possível levar a família para jantar fora com os novos rendimentos. Respirou fundo e dormiu com a paz dos iludidos. Sonhou com dias brilhantes. Repousou tão bem e feliz que perdeu a hora no dia seguinte.

Teve que sair do Banco meia-hora depois do habitual horário por conta do desleixo da manhã. Assim que deixou a agência, tomado por um frisson, ligou o aparelho celular. E recebeu, imediatamente, a senha de acesso ao aplicativo. Em menos de dez minutos já estava com o primeiro passageiro. Sorrindo, deu-lhe um sonoro boa tarde. Como conhecia bem a cidade, os deslocamentos eram feitos de maneira rápida e segura.

Depois do primeiro usuário, veio o segundo, o terceiro, quarto, quinto... Depois de dez passageiros, deixou de contar. O febril número de chamadas não parou até às vinte e duas horas. Quando amainou, foi que João Maria percebeu o quão tarde já era. Atenderia no máximo mais cinco clientes e depois iria pra casa.

A mulher o recebeu tarde da noite já quase varando a madrugada, querendo saber todos os detalhes do primeiro dia. João Maria empolgou-se a contar-lhe tudo, até detalhes dos passageiros. Os olhos de Catarina esbugalharam quando João Maria disse-lhe o quanto ganhara somente naquele fim de tarde noite. Tudo isso? Sim, ganhei muito e vou ganhar muito mais.

Catarina, talvez pela sublimação do momento, soltou um sincero eu te amo que há muito não dizia ao marido.

Embora cansado e moído, João Maria amou Catarina como se fosse a última mulher da terra. Ela se entregou de corpo e alma na certeza de que dias melhores viriam. Ambos estavam felizes, porque em pouco mais de oito horas rodando, João Maria conseguiu um excelente ganho. Mantido esse ritmo, ganharia no mês quase o mesmo salário que recebia do Banco. Dormiram agarrados e sonharam com altos planos de consumo.

A felicidade é uma quimera a ser buscada todos os dias e, amiúde, esvai-se muito rapidamente. Mal pregou os olhos, João Maria foi acordado pelo despertador do celular. Programou-se para acordar cedo e começar a rodar ainda de madrugada, antes das seis da manhã. A avidez pelos ganhos era imensa.

Levantou-se com vagar para não incomodar Catarina. Tomou um café frugal, ligou o aparelho celular e, imediatamente, começou a pegar passageiros. Assim seguiu por boa parte da manhã. O aplicativo não parou de chamar e só conseguiu ir pro Banco porque desligou o celular. Mesmo durante o trabalho no Banco, só pensava no vai e vem das viagens. Contava as horas e ansioso esperava o horário da saída.

Como bancário, o salário e o horário eram fixos. Não tinha como aumentar a renda. No carro, trabalhando por conta própria, ao contrário, rodaria quando e quanto tempo quisesse. Poderia, com tenacidade, majorar os rendimentos na medida do tempo trabalhado. Despertou de seus devaneios exatamente no momento da hora de saída do Banco. Não ficou um minuto a mais sequer. Correu pro carro e ligou o aplicativo. Dirigia-se para pegar o primeiro passageiro como se fosse ao paraíso. Novamente chegou tarde da noite em casa.

Com o passar do tempo, aquela rotina se impôs. Acordava cedo, deixava Catarina e os meninos ainda dormindo. Rodava boa parte da manhã, depois ia para o Banco, largava no fim da

tarde e então rodava de novo até depois da meia-noite. Os ganhos vieram e no início pareciam bastante. O dinheiro chegava para todas as despesas, mas logo encurtou. Era preciso aumentar as horas de trabalho para ganhar mais. E assim se fez. Mas, sucessivamente, os ganhos diminuía. E assim por diante, numa ciranda sem fim.

Agora João Maria já só chegava em casa tarde da noite, quando todos dormiam profundamente. Catarina não o esperava mais como no início. O jantar ficava no forno. João Maria esquentava a comida e sozinho se alimentava. Dormia poucas horas. Quando saía, ainda no escuro da madrugada, todos ainda permaneciam dormindo. Deixava o dinheiro sobre a mesa, preparava um ralo café e partia pra aquela rotina voluntariamente imposta a si por si próprio.

O tempo correu rápido e, sem perceber, passou-se um ano naquele sistema de dedicação exclusiva ao trabalho. Como o dinheiro começou a encurtar novamente, João Maria passou a trabalhar aos sábados e domingos. Agora, mal via a mulher e os filhos, pois chegava e saía de madrugada. Mas as coisas iam melhorar, pensava consigo. Trabalhando aos finais de semana, certamente sobraria dinheiro para aproveitar a vida com a família. Esse dia, porém, não chegava, mas o pensamento positivo de que amanhã seria melhor era seu alimento de esperança.

No mesmo período em que começou a trabalhar aos sábados e domingos, o Banco aumentou o número de máquinas de autoatendimento na agência e passou a ofertar diversos serviços pela internet. Vários cargos ficaram obsoletos, dentre eles o de João Maria. Quando recebeu a notícia da dispensa, ficou triste. Eram mais de vinte anos trabalhando no Banco. Respirou fundo e tentou se consolar.

Ao sair da agência, deparou-se com as máquinas de autoatendimento e as filas de pessoas para serem atendidas. Esboçou um leve sorriso. Tirou o celular do bolso, iniciou o

aplicativo, voltou a olhar para os totens. Admirou tanta gente usar aquela máquina para fazer os serviços que até pouco tempo era ele quem fazia. A vida segue, pensou consigo.

Quando ganhou a rua, deu um largo sorriso. Agora teria mais tempo para si e para rodar pegando passageiros. Certamente ganharia mais do que trabalhando no Banco. Afinal, na verdade, trabalhar para o Banco já estava atrapalhando sua vida de empreendedor, como se chamava a si próprio. Sem o tempo dedicado ao Banco, certamente sobraria tempo para a família e para rodar mais, aumentando os ganhos. Seguiu adiante, confiante no futuro.

Nos primeiros meses depois da demissão, o dinheiro aumentou, embora João Maria mal visse a família. Logo depois, como dantes, o orçamento apertou. Agora começou a ter gastos com manutenção do veículo. As despesas com combustível também tiveram um considerável aumento na mesma medida de mais quilômetros rodados. Era preciso trabalhar mais e mais. Do contrário, não daria pra sobreviver.

De repente, matutando como ganhar mais, João Maria teve a brilhante ideia de trabalhar madrugadas adentro. Ora, para quê dormir em casa? Nem vejo a mulher, nem as crianças há muito. Era só tirar alguns cochilos ao volante que recuperava as forças para manter o ritmo do trabalho. E assim João Maria fez. Passava quase todas as 24 horas do dia sentado no volante daquele carro.

Agora já só ia em casa pra pegar as marmitas com a comida, pois a refeição era feita dentro do carro em meio a uma e outra viagem. Dali a pouco, já nem isso mais fazia. Alimentava-se de croquetes e sanduíche nas poucas pausas que tinha quando parava para abastecer o veículo em algum posto de combustível. Não podia perder tempo. Apesar de macilento, João Maria não perdia a tenacidade, sempre fiado na certeza de que os ganhos aumentariam e dias melhores estariam por vir, afinal ele era um grande empreendedor.

No início, Catarina reclamou dos horários do marido. Os meninos também sentiram a falta do pai. Mas logo depois todos se acostumaram. Era preciso manter o padrão de vida e aumentar os ganhos. O dinheiro sempre estava sobre a mesa no fim de semana. Com o passar do tempo, nem a mulher, nem os filhos notavam mais a ausência de João Maria. Premido pelo trabalho e pelo vai e vem das viagens com seus passageiros, João Maria também nem mais se lembrava que um dia tinha tido família. Era um homem que vivia para o trabalho.

Não demorou muito para o carro virar sua morada. Tomava banho e fazia suas necessidades nos banheiros dos postos de gasolina, quando parava para abastecer. Cochilava muito pouco, quando aqui e acolá ficava aguardando um cliente. Ao carro se resumia a vida de João Maria. Seu pequeno mundo, levando pessoas pra cima e pra baixo.

De repente, um dia, nem mais sentiu vontade do asseio de necessidades físicas, sequer saía de dentro do veículo. Seu tamanho foi se comprimindo paulatinamente. As mãos ficaram mais ossudas e o rosto escaveirado. O cabelo começou a cair, mas, em compensação, a vista e a destreza ao volante aumentaram sensivelmente. João Maria começou a se encaixar e a se acoplar perfeitamente àquela máquina.

Certo dia, notou que o seu banco de motorista começou a afundá-lo como se estivesse engolindo o pouco de carne que lhe restava. Agora já não conseguia mais desgrudar as mãos do volante, sequer conseguia mexer os dedos. Na mesma medida, seus pés se acoplaram às alavancas do freio e do acelerador. Sentia que seu corpo se integrava perfeitamente ao veículo. O câmbio deixou de ser mecânico e como em um passe de mágica se tornou automático pelo movimento quase involuntário das mãos de João Maria que já não desgrudava a alavanca.

Desse momento em diante, João Maria percebeu já não sentia mais sede ou fome, calor ou frio, nem sol, nem chuva

mexiam com seu humor, tampouco o stress ao dirigir no trânsito caótico da cidade. Até mesmo de dormir João Maria não sentia falta. Trabalhava sem parar.

Quando parava no posto, o frentista enchia-lhe o tanque do carro e na mesma medida João Maria sentia fastio, como se houvesse comido até o limite do estômago. Pelo escapamento colava para fora os excrementos. Seu corpo foi se moldando e se ajustando a tudo aquilo.

Em um dado momento seu coração foi lentamente parando de bater, mas João Maria se sentia bastante vivo, porque logo percebeu que o motor do carro agora lhe fazia as vezes do músculo cardíaco. Acelerava para sentir a pulsão de vida que vinha do motor. Era um vrum, vrum, vrum que quase o levava às lágrimas. Foi quando deu que agora somente enxergava pelos faróis do automóvel e de seus olhos de vidro era impossível verter pranto, seja de alegria ou de dor. Não opôs resistência a tudo aquilo que acontecia. O futuro era promissor, ainda conseguia se lembrar dessa frase.

Agora, João Maria trabalhava vinte horas por dia, não havia tempo a perder com bobagens, essas mudanças são normais, é preciso aumentar os ganhos, adaptar-se. Essas eram ainda algumas coisas que João Maria pensava por si próprio. Não conseguiu notar que sua consciência se esvaía e se diluía em meio a tantas mudanças. Agora todos os seus movimentos eram mecânicos e paulatinamente se resumiam a parar, seguir adiante, virar à direita ou à esquerda, e eventualmente dar uma ré. O veículo seguiu pegando passageiros freneticamente. O trabalho não podia parar. Quando foi completar o pensamento de que a vida ficara mais simples do que nunca, com os movimentos reduzidos, notou que aquele pensamento já não era mais seu.

Também já não percebeu que passara a ser controlado remotamente. Seu cérebro se achatou. Era um repositório de

ordens e informações vindas doutro lugar, de uma central via aparelho celular diretamente para sua caixa craniana. Era um driver controlado e a controlar um periférico. Não possuía mais qualquer autonomia, tudo lhe era determinado. O vai e vem de passageiros continuava, mas nenhum deles notava onde terminava o carro e onde começava o motorista. Agora não havia mais João Maria, pois sequer respirava. Fundiu-se ao carro e virou uma peça naquela imensa e complexa engrenagem.

O tempo e o vento

Manoel Hermes de Lima*

Da natureza nasceram o tempo e depois o vento. Este percorre lugares, locomove-se por onde e como entenda. Julga-se superior ao tempo, ao qual desafia e, assim, mostra-se modificativo em seus atos e na sua forma de ser. Na concepção do vento, o tempo é parado, sem qualquer agilidade, despreocupado com as modificações das coisas existentes na natureza. Ele, vento, diz ser capaz de causar grandes transformações na terra sem ter de dar satisfações a quem quer seja. Assevera que faz o que bem lhe aprouver e nada lhe acontece. Considera-se ágil, inteligente bem como transformador de situações na Terra. Afirma poder destruir cidades, derrubar árvores, movimentar o mar com produção de ondas gigantes. No seu modo de pensar, pode tudo.

Também fala com orgulho que promove ventanias fortes, tão fortes que em certas cidades, na sua passagem, não fica uma casa sem derrubar, nem telhado sem arrancar ou veículo que não o atire longe.

Gabar-se de seus feitos é motivo de satisfação. Apraz-lhe agir assim. Quando quer, se transforma em um ciclone. Para tanto, acumula grandes quantidades de massas de ar, assim

* Juiz do Trabalho da 19ª Região

produz movimentos giratórios, desloca-se de uma região a outra com maior facilidade. Finalmente, diz ser o responsável pelo ar que todos respiram, inclusive, segundo ele, também o tempo.

Quando quer, devasta uma cidade a exemplo do que já fez em Moçambique, Zimbábue e Malawi, no sudeste da África, onde causou enchentes e destruiu as cidades inteiras.

Para ele é muito fácil transformar-se em ciclone. É só movimentar o ar em uma baixa pressão atmosférica e pronto. Está formado e preparado para agir.

Quando destrói cidades e casas, chamam-no de "tornado" e outras denominações, que até gosta por representarem acontecimentos variados.

Tem o hábito de chamar os seres humanos de tolos, porque arranjam nomes para tudo como se fossem sábios das coisas da natureza. Assim, os intitula de coitados.

Na condição de vento nota que os humanos pensam que Ciclone, Furacão e Tufão são diferentes. Daí o vento no seu interior comenta: eles esquecem a origem desses fenômenos que denominam de forma diferentes. Em todas essas denominações, o vento grita para todos ouvirem e não terem dúvidas de ser ele que realmente transforma tudo.

Só esquece um detalhe: que esse tudo a que se refere, está dentro do tempo.

Modifica-se de tal forma que não consegue repisar o que já fez. Tenta de tudo para reproduzir o feito anterior, contudo, está sempre diferente. Essa diferença se dá porque, esquecido, sopra produzindo grandes velocidades e muito fortes. Outras vezes, gera ventos com pouca duração ou intensa duração e com velocidade variável.

Ele sente dificuldade em reiterar o que fez, até porque o tempo arranca tudo das mãos dele e dessa forma não tem como bisar o feito anteriormente. O tempo tira-lhe a posse dos feitos pelo vento.

O vento, pensativo, põe-se duvidoso sobre sua força seu poder, porém, mesmo assim, cheio de garbo, declara-se, alto e em bom som, ser forte e poderoso e que muda de roupa a seu bel prazer. Afirma não ser estático como o tempo que vive calado, com olhos grandes abertos, vendo e assistindo a tudo em silêncio. Acrescenta, dizendo que o tempo não se incomoda com o que acontece. Para ele tudo é normal, é natural. Vive a abraçar a tudo e a todas as coisas que surgem na natureza.

Admirado, exclama o vento: Que paciência ele tem! Vê os acontecimentos com cuidado, atenção e, quando lhe aparece algo novo, acha bom e sorri. Para ele tudo deve ser renovado, mudado ou transformado. Essa é a sua filosofia de equilíbrio e movimentação da natureza e da vida em geral.

O vento explicita que o tempo encara o ocorrido sem censura. A tudo contempla, bate palmas e acha engraçado o que se lhe apresenta.

O vento se diz incomodado com a falta de mobilidade do tempo. Sua estaticidade torna-se demasiadamente aborrecedora, comenta. De vez em quando o vento sopra-lhe nos ouvidos, mas o tempo nem está aí... O vento aumenta a intensidade do ar e, ainda assim, o tempo continua parado, olhando o vento, bem como ao que se passa e o que acontece em sua volta.

O vento nega ser igual ao tempo, pois se intitula um corredor, um autêntico campeão e nesse diapasão repete ser ele o responsável pela mudança de ventilação, porque muda de cara, de procedimento e comportamento.

O vento pouco se importa com o que exista na terra, com o mar, com as florestas, com as pessoas e suas casas. Ele diz querer a todo custo se divertir. Ama criar situações novas, fazer coisas diferentes, porém se sente diuturnamente vigiado pelo tempo que, com os olhos fixos na sua direção, faz do vento seu maior colaborador.

O tempo nada diz ao vento nem lhe censura pelas alterações efetivadas nos seus atos. Ao contrário, concorda plenamente.

O vento verifica que o tempo quer arrebatá-lo para seu interior tudo que ele faz. Irrita-se porque o tempo se apropria de tudo que ele, vento, produz: Se se apresenta em forma de ciclone ele se faz proprietário; se soprando forte provoca ondas altas, tornando o mar turbulento, igualmente se faz dono e acolhe-o para si. Age assim com todas as coisas que são realizadas pelo vento.

Curioso é que, quando o tempo usurpa os feitos do vento, este perde o direito de recuperá-los, pois, na teoria do tempo, o feito já não lhe pertence e assim, o vento tem de realizar algo novo e, mais uma vez o tempo se apodera.

O vento, então, em seu íntimo presume que o tempo tem inveja dele. Aquele lhe tira tudo, sem se locomover ou se esforçar para fazer algo. Sua quietude incomoda ao vento e então, para lhe provocar e aumentar sua pressuposta inveja, o vento inventa coisas diferentes, às vezes até assustadoras.

Cada ato que pratica, o faz de forma modificada da anterior.

Não adianta! O tempo nada diz e até parece gostar das coisas novas surgidas e, assim, permanece sentado, imóvel, a observar o que se faz ou deixa de fazer. Na verdade, ele aprova as variações que o vento emprega nas suas realizações.

Incrível como ele se apodera de todos os acontecimentos brotados na natureza! Não fecha os olhos um só instante. Vê a tudo sentado ou refestelado em sua cadeira, mas continua ali, calmo, calado e atento. Seu defeito é o silêncio. Isso aborrece ao vento que então pergunta-lhe: Por que você é assim, tranquilo, quieto, imóvel, como se não existisse?

O tempo, entretanto, se faz de surdo e mudo e nada responde. O mutismo do tempo enfurece completamente ao vento.

Ao tempo pouco se lhe dá se o vento se enfurece com seu estado imóvel. Ouve tudo que o vento fala, mas ao contrário, não joga suas palavras ao vento.

Apesar da voracidade do tempo de se fazer dono do que o vento faz, este, inconformado, tenta mostrar ao tempo que é mais temido e respeitado que ele, até porque poucos humanos o conhecem. Sabem que ele existe, porém não o veem. Falam em seu nome por falar. Referem-se a ele como um ser que se torna velho a cada momento.

Entretanto, o vento tem conhecimento da jovialidade eterna do tempo. Nunca envelhece. Tem uma boa aparência: pele esticada, cabelos negros e olhos vivos. Enfim, sem qualquer ruga que demonstre sua idade.

O vento embora veja o tempo como um eterno jovem, diz não ter inveja dele porque também não é velho. Frisa ser forte e isso lhe faz valente e por isso, tem prazer de ser bastante volúvel

O vento elogia o tempo e expõe: você até é um cara factível mesmo sem me permitir ver as coisas que já fiz e, embora não consiga vê-las, sei que estão protegidas no seu arquivo. O vento diz não se importar estarem seus feitos guardados dentro do tempo e, por isso, não conseguir repeti-los.

O vento diz ao tempo que ele o leva sempre a fazer algo diferente.

Apesar de o vento poder fazer o que quer, sente-se preso ao tempo, porque se vê obrigado a agir com procedimentos novos e por essa razão, a cada dia fazer coisas diferentes, o que satisfaz ao tempo. Tudo depende da ação que vai praticar. Em cada ação apresenta roupagens novas, até porque só faz coisas ainda não conhecidas.

O tempo olha o vento e sorri levemente.

O vento não gosta do sorriso do tempo por lhe parecer querer dizer alguma coisa e então lhe pede para falar. O tempo olha para o vento e inicia sua manifestação.

O tempo com toda sua calma, pede ao vento para se sentar, porque ele está muito agitado e com aspecto de apressado. O

vento atende à solicitação e coloca-se em um banco de frente para a cadeira do tempo.

O tempo então passa a mão na cabeça do vento e solta o verbo: embora o qualifique como arrogante, prepotente, orgulhoso e vaidoso, isso pouco importa. Todas essas coisas que possui não o deixam perceber algo que descobrirá doravante.

O tempo chama a atenção do vento, aludindo a sua não observação de algo importante que o circunda e por isso passa-lhe a contar. O tempo diz ao vento que ele jamais parou para pensar, nunca procurou ver onde reside, igualmente ao mar, à chuva, ao dia, à noite, às florestas, às pessoas, aos animais e outros e de tudo que existe na terra.

O tempo adverte ao vento por não se ater em que lugar vive, nem como se chama esse abrigo.

Nem o tempo nem o vento têm cama para dormir. Nesse ponto se identificam. O tempo prossegue na sua falação e diz ao vento que ele não quer ver, finge ignorar sua função perante ele (tempo), também tenta não admitir estar vinculado a ele, tempo.

O tempo acrescenta: todos os atos novos que pratica, transformam-se em fatos sucessivos na natureza, e todos eles são depositados em mim, em meus arquivos.

O tempo reativa a mente do vento, ao exponenciar que ele fica de olhos abertos, observando a tudo, apoderando-se das coisas que surgem na natureza. O vento confirma, balançando com a cabeça.

O tempo complementa o pensamento, relembrando ao vento que fala dessa forma porque ele é o tempo e que ele, vento, tal qual o mar, a noite, o dia, as florestas, reside em sua casa (tempo).

O tempo chama a todos eles de seus auxiliares e, igualmente, de seus hóspedes. Tudo que fazem se incorpora a ele, tempo. Todos os feitos novos pelo vento e outros são denominados "fatos sucessivos" e dessa forma o tempo os preserva, guarda-os nos

seus arquivos, não porque seja proprietário, mas, porque foi designado para esse mister.

O tempo confessa que protege todos os fatos nascidos para estabelecer comparações futuras com fatos novos, sucessivos aos anteriores. Se assim não proceder tudo vira letra morta e ele o tempo não existiria nem os auxiliares. O tempo diz que sem ele, o vento e os demais não existiriam. O tempo informa ao vento que é a chave de tudo e em cada atitude, em cada fato, verifica o que foi feito e, depois de analisar, armazena-o por algum tempo como válido até que outro feito (fato) apareça e tome o lugar daquele já ultrapassado.

O tempo diz ao vento que, na condição de vento, é livre para fazer o que lhe der na cabeça. Isso é verdadeiro, ratifica o vento. Ainda bem que o vento reconhece que sempre faz coisas diferentes por não conseguir repeti-las.

Diz o tempo: Pois bem, tudo que faz, as coisas que acontecem na natureza são denominadas "fatos" e eles residem dentro de mim. Nenhum fato, qualquer que seja, escapa ao meu conhecimento. Eu sou o "armazém", "o depositário" desses acontecimentos chamados "fatos sucessivos" e todos vêm a mim.

O tempo reconhece que o vento não consegue realizar outro fato igual, porque a situação, a coisa, o lugar são diferentes. Realmente, não há como se repetirem. O tempo aponta que um pequeno detalhe torna o fato diferente. Nenhum fato é idêntico a outro na sua plenitude.

Tudo que faz transforma-se em fato sucessivo e, por ser desse tipo, há obrigação de mantê-lo protegido em lugar seguro. Assim se manifesta o tempo.

O tempo explica: há vários fatos que parecem idênticos ou semelhantes, mas na verdade não o são. De idênticos ou semelhantes só têm a denominação a eles atribuídas, tais como o "nascimento", o "crescimento", o "envelhecimento" e a "morte",

e outros. A forma de estes fatos acontecerem é diferente em cada situação, em cada pessoa.

Tudo que se diz fazer, representa fatos e eles acontecem em torno de mim, tempo.

Dito isto, tem-se que – dentro do “tempo” – os fatos se sucedem. Cada um tem sua característica própria, peculiar, daí, dizer-se que os fatos são sucessivos, podem acontecer em um mesmo lugar e/ou com uma mesma pessoa.

O nascimento de uma criança é um fato, mas este fato pode ser sucedido no tempo por outro com a mesma criança –, dias depois do nascimento vir a óbito.

O vento perplexo com o que acabara de ouvir do tempo, mostra-se humilde e pede desculpas por ter se julgado superior ao tempo. Aprendeu que ele, vento, é também um fato sucessivo. Descobriu que suas atitudes ou ações são fatos variáveis no tempo, por isso são conhecidos como fatos sucessivos.

O tempo confirma ao vento que é imodificável. Diz que seu papel é recepcionar todos os fatos nascidos e admitir sua sucessão a depender da situação.

O tempo preleciona: essa sucessão de fatos, se dá em tudo: nas ciências, na medicina, nos inventos, na política, na economia, no direito e nas ações judiciais. Nas ciências, a evolução é constante. O que se chama de evolução, na verdade representa um fato novo; na medicina, as curas das doenças constituem um avanço sem precedentes na descoberta de medicamentos e vacinas para estancar ou curar certos tipos de doenças ou pandemias; nos inventos, fatos novos brotam no campo tecnológico; na política tem-se como fatos novos as eleições, a escolha de novos mandatários ou representantes do povo, que, de acordo com seus conhecimentos, técnica e

habilidade fazem boa ou má administração; no direito, os parlamentos e o executivo criam novas leis (regras jurídicas), que, a princípio devem ser dotadas de caráter social integrativo e ao bem estar da população, revogadoras de outras normas sucedidas; na economia há modificação na sua forma de distribuição de renda de acordo com as circunstâncias reinantes e, por fim, as ações judiciais.

Nestas, as modificações ocorrem nas decisões (recursos) – que outra coisa não são senão fatos sucessivos dentro do processo em tramitação.

Por isso, nas decisões judiciais, mesmo quando há ratificação da referida decisão, há sempre acréscimo de fato novo pelo relator, que se traduz em fatos modificativos das decisões anteriores ocorridas dentro de um processo.

A palavra "vento" nas decisões judiciais é usada no sentido figurado ou em linguagem conotativa, – porque tais decisões constituem "fatos sucessivos", para em uma ação dar maior expressividade.

O tempo, no seu discurso, afirma que tudo que causa modificação, que transforma uma situação anterior, que substitui uma tomada de posição, constitui fato sucessivo, que se dá somente nele – tempo –, estático, imodificável, porém açambarcador do que ocorre, sem exceção. Na concepção do tempo, tudo e todas as coisas que acontecem dentro dele são efêmeros. Ele é imóvel, porque fixo em um lugar. Pacientemente recepciona o fato novo que se vê atraído por ele, tempo.

O tempo assevera que os fatos sucedidos dentro dele, constituem aprendizados, com registro de novas lições, teorias que se somam a cada inovação dos referidos fatos, daí intitulados de fatos novos.



Crônicas



Descida íngreme

Lenício Lemos Pimentel*

Ele nasceu deslocado. Sem nome, sem bens e muitas dores. Carrega na cor, no torso, nas veias dos braços, as marcas dos pactos desfeitos, dos desvios premeditados, dos desenganos.

Vem caminhando, descendo sempre, porque mora no morro. O passo é claudicante, muito perturbado pelas pedras no caminho. Há várias pedras no caminho.

Procura algo. Precisa do pão, da porta aberta, de chegar em casa com boa notícia. Tem força nos braços, conhece o desenho lógico dos tijolos. Alguém lhe ensinou o ofício. Das letras, nem o nome. Qual nome?

Para no canteiro, mas a obra não para. São muitas lojas, corredores de gente, muros de vidro e tetos imensos. Enfrenta a fila, oferece as mãos, pede colocação, mas a resposta é seca, definitiva e monossilábica:

– Não!

A saga do desalento é faina conhecida de sua gente. Antes, nas roças coloniais, muito trabalho para nada. Na urbe cinzenta, os grilhões surgem no olhar desviado, sem acesso aos salões. O monossílabo é sempre o mesmo, é sempre seco, definitivo e renitente:

* Juiz do Trabalho da 3ª Região.

O texto foi vencedor, na categoria crônica, do 2º Concurso Literário da Anamatra.

– Não!

O pensamento confuso e os olhos embaçados procuram refúgio no passeio público, alguma marquise intermitente que lhe proteja do mau tempo. Ou, quem sabe, uma praça que lhe proporcione o encontro consigo mesmo e com o outro. Proteção e encontro.

Ele deseja evitar a queda, enxugar as lágrimas, reconciliar-se e impedir a descida. Mas a sorte não o acompanha. O orgulho impede a esmola. A porta fechada é rompida, invade a casa, pega o pão. O grito é imediato:

– Ladrão!

A justiça é feita, assina e condena. Não titubeia, decreta a verdade, ajeitando as coisas.

Não vai às galés de Valjean, mas é encerrado em grades enferrujadas. Outra porta fechada. É vigiado e mensurado, mas ninguém olha por ele. Pede a São Jorge, o Ogum protetor. Dessa vez, a resposta é o silêncio. A noite cai sem luar e ele desce ainda mais.

O cárcere abafado e lotado remete à prisão rústica de outros tempos. A mesma cor, o mesmo cheiro, a mesma dor. No lugar da labuta estafante, encontra o tédio opressor no pensamento que o tortura. A culpa vira remorso; a tristeza, rancor.

Fugir? Não faria diferença. Nada lhe anima no lado de lá. Palmares há muito se consumiu em chamas. Liberdade, uma ilusão. Mesmo alforriado, o irmão de cor permanecia no castigo do senhor; poucos se entregavam à própria sorte.

A sorte não lhe acena. A vida o colocou num impasse. Sem vida. A pena não vale e está muito frio lá fora. Ele não tem para onde ir. A calça de brim remendada, mas ainda forte, serve de corda. Passa o nó fatal em volta do pescoço e, com os pés, empurra o banco. Pronto! O corpo ainda quente balança por um momento e, aos poucos se aquieta, esperando que o descubram.

Descoberto – Mais um! – é enterrado em cova rasa. Ninguém se importa, ninguém se lembra. Morre deslocado!

A Pasta rosa

Mário Lúcio Batigniani*

Macedão, como era chamada na rádio corredor, era uma mulher de uns quarenta e poucos anos. Bonita e firme, não ganhou a alcunha à toa. Seu nome era Luana Macedo ou Dr^a. Luana, como era tratada pelos demais empregados. Sim, porque o Doutora vale mais do que Senhora ou Dona ou pelo menos impressiona mais. Mas isso apenas quando estavam em sua presença. Longe de seu olhar e seus ouvidos, era Macedão mesmo.

Executiva da área administrativa de uma grande empresa de confecções, trabalhava numa sala feita com divisórias cuja metade, do meio para cima, era toda de vidro, carinhosamente chamada de "aquário", local próprio aos "peixes" que convivem com humanos, de onde observava todos os demais setores sob sua responsabilidade, estrategicamente organizados ao seu redor.

Todos os dias por volta das dez da manhã, Macedão colocava seu *blazer* e se dirigia à sala da diretoria para despachar os assuntos sob sua responsabilidade. De lá só voltava já próximo ao horário do almoço.

Não se sabe se por tradição, simbologia ou economia mesmo, mas certo é que Macedão só subia para esta atividade

* Juiz do Trabalho da 16ª Região

diária acompanhada de uma pasta rosa. Pasta comum, destas de plástico, com uns quinze centímetros de espessura, com elástico para fechar e que podem ser compradas em qualquer papelaria ou armarinho. A pasta destacava-se ainda mais em seus braços por conta das roupas escuras e sóbrias que sempre vestia.

Embora a cena fosse emblemática, de rotineira acabava até passando quase que despercebida quando feita por sua titular. Afinal, o ser humano se acostuma com tudo, beleza, feiura ou excentricidade, não é mesmo?!

O grande alvoroço dava-se quando Macedão tirava férias. Aí sim começavam as especulações para se saber quem despacharia com o também não menos Dr. Firmino e por conseguinte desfilaria com a pasta rosa.

O mais engraçado é que a pasta, embora comum e até feinha, jamais fora substituída ou deixada de lado por qualquer outro empregado quando das férias de Macedão. Mas também, como abandonar o principal símbolo da substituição?! Sem chance!

As próximas férias seriam dali a alguns dias. Desta vez, eram fortes concorrentes para a gloriosa missão de despachar com o todo poderoso: Telma, Olívia e, com menos chances, Kássio.

Talvez Olívia fosse a mais indicada, até porque parecia a mais equilibrada e, certamente, era a mais competente. Telma, porém, tinha a vantagem do trato pessoal e dos relacionamentos nem sempre bem explicados. Para a rádio corredor era simplesmente a mais bajuladora. Na verdade, havia mesmo quem dissesse que sua relação com Macedão ia além do profissional e só ocupava o cargo de chefe do setor de recursos humanos exclusivamente por indicação desta. Kássio completava o trio concorrente apenas por ter cargo mais ou menos do mesmo nível.

A torcida estava dividida. Diria que 50% por Telma, é que a torcida também segue o fluxo das relações e suas vantagens, 40%

pela Olívia e 9,9% pelo Kássio. O 0,01% não torcia pra ninguém, mas achava muita graça de toda a situação. Em silêncio, é claro!

Se o 0,01%, no entanto, tivesse que optar obrigatoriamente por Telma ou Olívia, provavelmente a decisão dependeria do dia. Se tomada num dia mais sentimental ou de revolta contra o mundo, certamente seria pela filiação à Olívia, por ser o mais "justo". Mas, se tomada apoiada exclusivamente na racionalidade, cerraria fileira com Telma, seguinte o fluxo natural das vantagens e desvantagens.

Assim, não houve surpresa, quando a escolhida foi Telma. Não há racionalidade que vença a articulação em circunstâncias mais ou menos parecidas.

Apesar de Telma continuar trabalhando em sua mesa, fazia questão de, uns dez minutos antes de subir, ir até à sala de Macedão e por lá ficar fazendo sabe-se lá o quê. Às vezes, era possível se concluir que estava apenas sentada, imaginando-se ali, tal como sua chefe.

Satisfação só era maior quando saía da sala para, finalmente, despachar com o Dr. Firmino. Fazia questão de desfilarem, quase que literalmente, pelos diversos setores com a pasta rosa nos braços e anunciando o que estava prestes a fazer, como quem demonstra aos concorrentes e à plateia que havia vencido a batalha.

A situação perdurou por anos, até que um dia houve um problema na folha de pagamento e, após visita e explicações de Macedão e Telma ao Dr. Firmino, a resolução só veio mesmo com a intervenção de Olívia, que de fato era quem sabia fazer.

Telma foi desligada e Olívia então promovida para o seu cargo, fazendo-se justiça aos olhos dos demais empregados. A articulação de Telma era até Macedão, que acuada não hesitou em se desfazer de Telma e preservar seu posto.

A verdadeira loucura

Pedro Mallet Kneipp*

Não acreditar que o telefone já apitou e ainda é noite lá fora. Apertar a função soneca por algumas vezes até não dar mais – mesmo já consumindo o tempo do banho. Correr à cozinha para engolir alguma coisa. Lavar a marmitta do dia anterior e ver se há alguma coisa para levar. Ter o cuidado de colocar o mesmo par de sapatos, já que as meias ao menos costumam ficar escondidas. Imaginar qual vai ser a desculpa para o chefe se perder o primeiro ônibus. O dinheiro do “uber” já acabou desde o quinto dia útil do mês. E ainda há tempo para notar um doidinho na rua, fazendo de microfone uma lata, cantando alguma coisa do século passado, a essa hora da manhã.

Que falta de noção, pensa. Chega a comentar como tem gente louca neste mundo, em voz alta, quando estava à espera no ponto.

Realmente, como tem gente louca neste mundo. Imagina acordar e poder ser quem você quiser. Quer ser Pelé? Você pode, nem precisa de muito, quem sabe uma tampinha de refrigerante. Um astronauta? Basta colocar uma caixa de papelão na cabeça. Prefere ser médico? A mangueirinha do chuveiro é o seu estetoscópio. Ele quis ser naquele dia um cantor, e não precisou

* Juiz do Trabalho da 3ª Região

de muito. A latinha – talvez até de extrato de tomate – serviu muito bem para amplificar a sua alegria.

De fato, é muita loucura não entender a verdadeira liberdade que algumas pessoas já perceberam. É muita loucura não notar o sopro da vida, não experimentar a beleza do mundo e não sentir, em pouca coisa, felicidade verdadeira, gratuita e espontânea.

À verdadeira loucura, lucidez!

Ensurdece(dor)

Maria Beatriz Vieira da Silva Gubert*

Em oito dias, Gabriela perdeu o pai, a mãe e o irmão.

João perdeu a mãe, e ainda no velório, soube que a esposa também não tinha resistido.

No mesmo dia, dois irmãos, com intervalo de apenas seis horas, também se foram.

Quantas famílias devastadas pela Covid?

Quantas despedidas que não ocorreram, lágrimas que não puderam ser compartilhadas, abraços finais que não puderam ser dados?

Como se sentem as famílias que vêm enfrentando tragédias de múltiplas perdas?

Sem direito a velório, abraços que confortam, despedida digna e últimas homenagens a quem não resistiu?

Quantas marcas deixará o vírus em nós?

Como será o luto que nunca iniciou?

O que será das famílias que não voltaram para suas casas?

* Juíza do Trabalho da 12ª Região

Como conviver com cemitérios abarrotados, crematórios que nunca desligam?

Estamos vivendo uma tragédia sem precedentes.

Um vírus mortal, letal e sem escrúpulos.

Todos somos afetados.

"Até ontem", disse Gabriela, "eu tinha tudo".

Os planos frustrados de fazer aquele almoço em família, de passar um fim de semana feliz ou de ver um simples programa de TV em família foram abortados para ela – e para tantos mais brasileiros.

Crianças órfãs de pais que não resistiram ao vírus, pais órfãos de filhos que, precocemente, foram sem se despedir.

Uma sociedade inteira devastada por perdas familiares.

Nunca uma palavra fez tanto sentido – devastação.

Devastação de almas.

Devastação emocional e física.

Dor que dói – e que não se vai.

A morte espreita cada muro, cada portão vizinho.

E segue banalizada e normalizada até a próxima vítima.

Da próxima família.

O choro que não termina, o luto que se prolonga, a vida que perde a sua cor.

Será que nos recuperaremos?

Como sairemos dessa sociedade que tantas perdas vem enfrentando?

Mesmo doloridos, ao final de tudo, precisaremos, mesmo que timidamente, resgatar a alegria de viver, que segue embotada e escondida nas entranhas de cada um.

Valorizarmos as singelezas da vida, o amor compartilhado em família, o afeto distribuído em telas virtuais.

Os beijos de alegria.

As lágrimas que brotam do coração.

A música que faz jorrar a emoção.

Os abraços (ah, os abraços) que virão.

E os sorrisos que voltarão.

Enquanto isso, não esqueçamos que a vida é breve e efêmera, mas acontece nos sorrisos tímidos, nos olhos que se preocupam com o vai e vem das ambulâncias, na melancolia do silêncio das cidades que se curvam para a nova realidade imposta pelo vírus.

Respeitemos a dor do outro, resgatemos a compaixão e a humanidade que nos fazem melhores, exercitemos a solidariedade de chorar pelo outro, amar quem não conhecemos (e que o vírus levou), distribuir afeto e empatia aos estranhos que choram, para que, enfim, possamos voltar a sorrir e a viver.

Não, não seremos mais os mesmos quando tudo passar.

Até lá, aprendamos as lições desse silêncio ensurdece(dor).

Estive fora, tive... "Langhishing"!

Ricardo Sampaio*

Bem hoje, o mais brasileiro de todos os suíços, meu amigo Tony, enviou-me um texto sobre a descoberta talvez de uma nova anomalia mental ou comportamental, ainda sem nome em português: o "languishing". Para um ex-hipocondríaco, foi "ouro em azul": enxerguei aí uma inesperada doença e diagnostiquei-me logo nas primeiras linhas, fiel ao dito de que "de médico e de louco, temos um pouco".

Esse tal de "langhishing" não seria uma depressão, ou uma bipolaridade, ou algo ainda mais grave. Tem jeito de ser uma inércia prolongada, um corpo jogado numa rede sem sofrimento, mas sem vontade de sair, uma preguiça até de pensar. Comparei mentalmente a duas almas mudas depois do amor, ouvidos grudados na magia do silêncio, pele com pele, a tarde a se esvaír devagarinho, pela cortina entreaberta.

Mal pude conter minha euforia – e olhem que fazia tempo que não me sentia tão leve. Li e reli a nota recebida pelo Whatsapp, alguém lá de longe acaba de dar ares supostamente científicos a uma atitude que nenhum de nós cogitou antes da pandemia. Sou quase contemporâneo dos "loucos de todo gênero" do Código Civil de 1916, cuja elasticidade bastava para me autoenquadrar, antes da censura política e do avanço da psiquiatria.

* Juiz do Trabalho da 9ª Região

Mal sabe o meu amigo o imenso favor que me fez. Nunca foi tão atual o "ainda morro sem ver tudo". Até esta manhã, eu andava triste. Cabisbaixo, em um país que, a cada dia, renuncia mais e mais a ser uma nação. Lamentei a perda de parentes, amigos e até de um inimigo. Considero-me um afortunado, porque ou consegui fugir do vírus, ou ele ainda não teve a habilidade de me localizar. Como pelo menos confio na ciência na mesma proporção em que desconfio dos políticos e de suas canalhices, estou com a terceira dose em dia.

Alguns amigos não morreram, mas mesmo assim, eu os perdi. E eles, a mim. Provável efeito colateral da pandemia. A cada noite de lua nova, maravilhado, eu me aproximava um pouco mais do centro da galáxia, na mesma proporção em que me distanciava das pessoas. Consolava-me ao ler que não era apenas eu, havia outros por todo o país e o mundo, como algumas mães do século passado se conformavam com o defloramento das filhas, ao saber que a filha da vizinha também estava grávida.

Depois da notícia de hoje, dei-me alta e já me imagino saindo de meu homizio de dois anos no distante "hinterland" sul-matogrossense. Vejo-me, súbito, perambulando pelo centro da cidade, qualquer cidade, alegremente esbarrando em pessoas, parando-as nas calçadas ou abordando-as nos bares e me explicando, com ar solene e língua empolada: *"Perdoe-me a interrupção, sou fulano, sumi por muito tempo, estou ainda sofrendo de "langhishing"... o senhor ou a senhora já ouviu falar?"*

E o interlocutor, ou a interlocutora, pasmo, com benevolente ar de quem entende o que não entende, sem saber como me consolar, na dúvida se estou grave, nas últimas, ou nas penúltimas, no bico do corvo ou próximo do corvo, tartamudeando enquanto tenta se desvencilhar de mim e seguir caminho ou apenas beber o resto da cerveja: *"ah, eu também perdi um parente e dois amigos assim, mas tenha fé, a ciência progride, quem sabe logo se acha a cura, hoje em dia tudo é possível, não perca jamais a esperança, vou orar pelo senhor..."*

Morte é vida!

Josimar Batista dos Santos*

Hoje, 24 de dezembro de 2021, 20 horas e 30 minutos... tive vontade de escrever. Família no primeiro piso da casa. Uns fazendo os últimos preparativos para a ceia. Outros cuidando da minha netinha Lelê. Eu, até alguns instantes atrás, estava sozinho no meu quarto, no piso superior, assistindo ao filme *Não Olhe Para Cima*, e foi isso que me motivou a traçar essas poucas linhas.

O filme em questão é uma comédia. Dois cientistas descobrem um cometa que colidirá com a Terra, dizimando toda a vida. Isso é comunicado ao mundo! Qual a reação das pessoas? Total indiferença! Coisas banais, como o namoro de astros midiáticos, era muito mais importante!

O filme narra algo absurdo? Nem tanto! Explico: é que todos nós vivemos desse mesmo modo, indiferentes à extinção, indiferentes à morte! Pelo que sei nenhum cometa colidirá com a terra daqui a seis meses, mas certamente todos nós morreremos! Quando morreremos também não sei, mas sei que o ser humano, de ordinário, é indiferente a tal fato!

O que eu estou realmente querendo dizer? Que todos nós deveríamos viver como se fôssemos morrer daqui a seis meses!

* Juiz do Trabalho da 19ª Região

Só a iminência da morte faz brotar a verdadeira vida, a vida que faz sentido!

Você pode dizer: isso seria irresponsável! Posso até concordar que essa observação tem seu valor, certa consistência, já que o extravasamento de todos os impulsos, todos os desejos, levaria ao caos. Mas pergunto: também não é uma loucura viver reprimindo desejos, sufocando sonhos, adiando projetos, quando podemos morrer a qualquer momento?

Qual seria, então, e melhor forma de viver? Qual o ponto de equilíbrio? Depois eu repondo, já que minha esposa me chamou para a ceia. Salvo pelo gongo!

Olha para o céu, meu amor!

Maria do Socorro Almeida de Souza*

Era uma tarde de maio de 2020. Havia cerca de três meses que se declarara a pandemia da COVID-19, que alterou o eixo de vidas e ceifaria milhões delas ao redor do mundo, quando, de um amigo de terras distantes, chegou-me a indagação: como eu, pessoa nordestina, povo para quem as festas juninas são quase sagradas, sentia-me ante a impossibilidade de vivenciá-las naquele ano?

Naquele dia, pus em palavras sentimentos que ainda não tinham sido verbalizados.

Falei de minhas angústias nesta situação pandêmica. Contabilizei as grandes perdas que experimentamos: o cotidiano; as metodologias de trabalho; no meu caso, a minha casa. Conte-lhe do medo onipresente de me contaminar ou de ver a partida de pessoas que eu amo. Disse-lhe da sensação de viver um feriado sem fim, que tomava conta de mim ao ver a rua permanentemente parada, com silêncios somente interrompidos por sirenes de urgência. Compartilhei o desconforto que me acometia por estar em relativa segurança, enquanto havia milhões de pessoas sem

* Juíza do Trabalho da 16ª Região

comida, sem água, sem esperança. E lembrei que havia pessoas sofrendo muito dentro de hospitais e também fora, sem conseguir neles adentrar, morrendo sufocadas, afogadas nos próprios fluidos. Pontuei-lhe que não podia estar com meus amigos; que podia ver, mas não podia abraçar minha família; e que vinha me mantendo trabalhando, sentindo-me como um dos membros da orquestra do Titanic, tocando até que o naufrágio resolva, por si só, ter termo. Também lhe falei que me sentia absurdamente privilegiada, até pelo fato de não ter ninguém próximo a mim que houvesse sucumbido à morte (ainda!). E disse-lhe que eu ficava pensando como seria esse mundo depois disso tudo. Assumi que penso que não, que as pessoas não serão melhores depois de tudo isso; elas serão como sempre foram, em tintas mais fortes... para o bem e também para o mal! E segredei-lhe minhas angústias sobre o sentido da vida, da minha vida, em sobrevivendo à peste.

E foi em meio a este rebuliço sem fim que lhe dei a conhecer que, diante dessas circunstâncias, isso tudo de festas juninas e de comemorações, isso tudo me chegava como em sonhos: tudo aparentemente palpável, mas muito confuso, como se aquela realidade que vivemos por toda uma vida não conseguisse agora fazer sentido algum.

Dia de São João chegando, recebi um vídeo. Nele, figuras coloridas se sucedem ao som de uma música entoada por uma criança de voz muito afinada e suave, desfilando os versos musicados por Luiz Gonzaga, o mais nordestino dos nordestinos: "Olha pra o céu, meu amor, vê como ele está lindo; olha pra aquele balão multicolor, como no céu vai sumindo...".

As imagens me remeteram a cenas de minha infância. Grandes fogueiras acesas em noites de lua cheia. Uma infindável fila de sobrinhos para receber, cada qual, seu pequeno quinhão de fogos das mãos dos tios então enamorados (traque e "peido-de-véia" para os menores, fogos mais potentes para os maiores). As

guloseimas fabricadas em casa com escassos recursos, mas com muita criatividade: amendoim torrado, canjica, milho assado, bolo de milho, pipoca, mingau de milho. As brincadeiras de roda noite adentro, num salvo-conduto poucas vezes conferido aos pequenos. A hora de "passar fogueira", em que os presentes, em duplas, firmavam-se os mais sérios compromissos de afeto, traduzidos na mudança dos vocativos, deixando de lado os prenomes e apelidos para se assumirem "manos e manas", "primos e primas", "padrinhos e afilhados", "compadres e comadres". Por fim, as quadrilhas! Todos cantando, dançando sem qualquer outro compromisso que não fosse com a alegria!!!

Essas recordações, que me afloraram emolduradas por essa música, que me compreendi ouvindo nessas noites de brasa e que agora me chegava em voz de delicadeza angelical, não apenas trouxeram de mim a criança que saltitava naqueles terreiros, entre um pé de algaroba e outro de amêndoas, desviando de um e outro esgoto a céu aberto, e disputando com outras crianças doces, fogos e atenção dos mais velhos; elas também permitiram que, semanas depois da provocação do amigo distante, escapulisse de dentro de mim toda a imensidão do vazio que me decorre da ausência da mais genuína manifestação de nossa "nordestinidade".

Sons e imagens me fizeram emergir tudo o que em nós e de nós é, nesse momento, só "falta"! Consolidaram-me a sensação de que somos refugiados em nossos lares e que todos os melhores bens que conquistamos na vida – os olhares, os sorrisos, os abraços, as conversas despreziosas, os infindáveis cafés de fim de tarde, as confidências, os andares sem direção, o pôr do sol e o nascer da lua, os planos e os sonhos –, tudo o de melhor que trazemos em nós foi sequestrado sem indicação de motivo ou exigência de resgate... sem solução... sem fim!

Mas a intensidade da ausência do que somos nós é o que deve nos levar a valorizar e resgatar o melhor de nós.

E, para enquanto aos nordestinos não nos sejam dados os folguedos, as guloseimas, os festejos, as partilhas das vivências que são uma ode à nossa ancestralidade, que seja nossa marca a capacidade de resistir, de recomeçar e de reconstruir, que nos identifica como nação!

E, pra começar, "olha pra o céu, meu amor, vê como ele está lindo"!!!

O que os olhos não veem...

Carmem Lúcia Lapenda Pessoa de Albuquerque*

Nas minhas ansiedades eu tenho observado várias verdades nos ditos populares. Aliás, infelizmente, essa nova geração está se esquecendo deles. Acho que a culpa é nossa que não estamos sabendo transmitir o que de bom nos foi informado.

Pois é, voltando ao que me levou a escrever, foi justamente um dito popular: "O que os olhos não veem, o coração não sente". Verdade. Procurei olhar coisas que me davam prazer, como por exemplo: um reflexo do sol nas águas do rio; os sons das ondas quebrando na areia, aliás, nunca se repetem, e, como acalmam; um voo de um gavião rondando no céu em busca de sua presa; o frescor da brisa no rosto; um homem lindo com um andar relaxado (isso mesmo, "estou velha, mas não estou morta").

Tantas emoções, flashes de um minuto que levam embora qualquer pensamento de tristeza e angústia!

* Juíza do Trabalho aposentada da 6ª Região

O sonho

Roberto José Ferreira de Almada*

Eis que o sonho parece tornar-se realidade e o sujeito se vê fora do seu corpo inerte, deitado sobre a cama na madrugada fresca de outono. Atônito, vaga pelo quarto na penumbra da noite, à procura de uma explicação qualquer para aquele fenômeno estranho que o acomete. A esposa dorme ao lado do seu corpo, ambos imóveis e plácidos, imersos em sono aparentemente profundo.

Então, qual seria o significado daquela cena? Ele estaria morto, afinal? Seria essa a explicação para o fato de ele estar em estado de suspensão, a enxergar-se a si próprio, pelo lado de fora de si mesmo? Desencarnado, na morte, sem se saber ao certo morto, o sujeito estaria fadado a vagar a esmo, sem a companhia da matéria corporal?

Para sua surpresa, apesar da estranheza do fato, o sujeito se vê em estado de absoluta serenidade e percebe, passado algum tempo desde que se desprendeu do seu corpo, que não sente medo algum. Pelo contrário. Sente-se livre e bem-disposto, senhor absoluto da razão etérea que o faz se mover de um lado a outro do quarto. Já passa a dominar seus movimentos com mais desenvoltura e se conforma com a possível morte do seu corpo, que permanece prostrado inerte, na cama.

* Juiz do Trabalho da 17ª Região

É tomado pelo ímpeto de acordar a mulher, para poupá-la do desprazer de descobrir por si própria, ao amanhecer, a morte do marido. É então que ele nota não ser capaz de produzir sons ou mover objetos. Ao seu toque, nada se mexe e nem mesmo consegue balançar, como pretendia, os braços da esposa, para despertá-la.

Um fantasma! Assim pensa o sujeito de si próprio, a esta altura sentindo um pouco de pena de si mesmo, fadado a passar o resto da eternidade dessa sombria maneira, apartado do corpo. O sujeito se permite sentar, enfim, no alto do armário do quarto e decide aguardar o amanhecer. É quando as explicações se farão presentes, ele pensa, já conformado com a sua condição fantasmagórica. A mulher há de acordar e perceber a sua morte física, dando o alarme aos gritos pela janela e atraindo para a casa toda a vizinhança. Seguirão as exéquias, as condolências sinceras dos mais chegados, os discursos lacrimosos e, enfim, o corpo rijo haverá de ser baixado ao frio e à escuridão da sepultura.

Enterrado o corpo, será chegada a hora de saber o destino reservado ao sujeito que neste instante permanece sentado no alto do armário do seu quarto de dormir. Ele será reincorporado ao corpo físico no fundo da cova para, na sua companhia, se submeter ao inevitável ritual mortal da decomposição ou, ao contrário, será libertado para vagar pelo mundo sem rumo e para sempre, na companhia de outros fantasmas?

Lívido e profundamente conformado, do alto daquele armário onde está, o sujeito se acomoda em busca de uma posição mais confortável e repara na beleza da sua jovem mulher, que deixa escorregar da cama, displicente, parte da perna bem torneada que ele sempre apreciou. Há de sentir saudades dela, mas, o que se há de fazer? A morte é assim mesmo, priva os viventes de tudo o que é carnal. É o fim dos apegos materiais próprios dos seres encarnados. Agora, tomando-se por morto, o sujeito se sente conformado com a perda da mulher, e das suas bem

torneadas pernas, que parecem escorregar irreversivelmente para fora da sua vida, ou melhor, da sua morte...

O sujeito, enquanto divaga consigo próprio à espera do amanhecer, é tomado por um soninho leve e delicado e, sem perceber, adormece.

O dia nasce, enfim. A mulher se levanta e se surpreende com o fato do marido estar ainda preso à cama e aos lençóis. Isso não é próprio dele, notório madrugador.

Ao tocá-lo a mulher, o sujeito reage dando um salto e se coloca de um só pulo ao chão, de pé. A mulher ri. E pergunta o que se passa com ele, afinal. O sujeito ri de volta. E diz que não sabe bem explicar, mas teve uma péssima noite de sono, sonho estranho de que não se lembra, mas suspeita que coisa boa não tenha sido. Dói-lhe a cabeça. A mulher cuidasse de lhe trazer um remédio, por favor. Em seguida, sem se despedir dela, o sujeito se deita de novo na cama, e deixa o seu corpo desfalecer pesado, tomado pelo irremediável torpor do sonho da morte.

“Ribeira de mar dos arrecifes dos navios”

Robson Tavares Dutra*

Extrema curiosidade e deslumbramento marcaram minhas primeiras incursões à Ilha. Aquele espaço de terra, berço do Recife, ligada por quatro pontes ao continente, estigmatizado pela concentração de prostíbulos, além da bandidagem e drogas, sempre, pelo bem ou pelo mal, fascinou os recifenses: sexo, crimes, a bela arquitetura de influência europeia, e o encantamento dos navios, com tripulantes de todas as bandeiras, fizeram “da” “Rio Branco” um território um tanto místico.

“A” Rio Branco, como referência à Av. Rio Branco, que culmina na Praça Barão do Rio Branco, o Marco Zero do Recife, onde ainda jaz o Barão do Rio Branco, em bronze, sobre um pedestal insculpido em pedra, “patrono da diplomacia nacional”, é hoje o Bairro do Recife Antigo.

A Ilha, em verdade, integrava um Istmo que ligava o Recife à Olinda, ao norte. No início do século XX, com a reforma do Porto do Recife, um molhe foi construído (Molhe de Olinda), alterando a dinâmica das vagas marítimas, e o mar acabou por abrir uma grande fenda no Istmo, separando as cidades, dando origem à Ilha. O extremo sul se ligava ao continente pela

* Juiz do Trabalho da 6ª Região

"Ponte Giratória", sobre a foz dos rios confluídos, Capibaribe e Beberibe.

A singularidade é que a Ponte efetivamente girava, permanecendo o seu vão central, perpendicular aos dois lances fixos de suas cabeceiras, permitindo a passagem de embarcações veleiras, aos cais fluviais. Subsistiu de 1923 até a década de 1970, quando foi substituída por uma ponte fixa, inicialmente, "Ponte 12 de Setembro", depois, "Antiga Ponte Giratória" (venceu o apelo popular!).

Há muito os cais internos não mais existem, porém, algumas localidades no entorno destes permaneceram conhecidas pelas denominações daqueles atracadouros, a exemplo do Cais da Alfândega e Cais do Apolo (estes na margem oeste da Ilha, logradouros insertos no Bairro do Recife, portanto); Cais José Mariano; Cais da Aurora, e Cais do Imperador.

"Você sai do porto, mas o porto não sai de você" é lugar-comum, que literalmente ocupou minha alma, habitando meus pensamentos e minha dipsomania, invariavelmente saciada nos bares e muquifos da Rio Branco, ao preço de umas gambiarras coronarianas.

Aderi à vida portuária no início dos anos 80, como trabalhador avulso.

Vivi os ciclos de prosperidade e decadência da Ilha. Próspera enquanto zona; declínio, com a descentralização da prostituição e o incremento do comércio; apogeu, quando se transmudou numa praça de bares e restaurantes a céu aberto, centralizada na Rua do Bom Jesus, onde as classes mais abastadas literalmente desfilavam (meados da década de 1990). Como surgiu, tudo acabou em meio a dissensões políticas.

E veio, em 2007, o Projeto Porto Novo Recife, revitalizando, nos anos seguintes, o espaço portuário, transformando os velhos armazéns em museus, bares, restaurantes, enfim, entretenimento e cultura, destacando-se o Marco Zero, entre

os antigos armazéns 11 e 12, com direito à Rosa dos Ventos de Cícero Dias, onde pulsa nosso esplêndido acervo cultural.

A força do empreendimento público que trouxe beleza, modernidade, e prosperidade ao Bairro não conseguiu ainda expurgar a criminalidade e o vandalismo: o Parque das Esculturas, cujas obras, no quebra-mar, em frente ao Marco Zero, são assinadas por Francisco Brennand, inaugurado com 79 peças, hoje conta com 15, em razão dos constantes furtos, além das pichações e lixo. Destruído o Museu a Céu Aberto, partiu o Governo Municipal para a reconstrução das peças de cobre, e restauração de peças de cerâmica (sem outros comentários!).

Como o amor (Porto, Bairro e Cidade) sempre cursa com alguma dor, testemunhei a extinção de muitos postos de trabalho portuário em Recife: o açúcar batido na funda (vários ternos envolvido na operação), trocado pelo embarque pré-lingado, que drasticamente reduziu o contingente de trabalhadores naquela operação; o "morcego" (artefato de lona e cordas, utilizado na descarga de granéis – adubo, barrilha, etc.), substituído pelos monstruosos *grabs*, além da containerização, que, sem dúvida, foi quem mais ceifou postos de trabalho nos portos. A "carga geral" é hoje transportada em contentores. A quase totalidade dos produtos é passível de acondicionamento em *containers*. Instalou-se a inexorável "automação"!

A carga outrora "manipulada" nas fainas portuárias, o é, hoje, nas indústrias; empresas de logística; unidades retroportuárias, etc., para guarnecer os *containers*.

O Porto do Recife não lida mais com contentores, cujas operações foram integralmente transferidas ao Porto de Suape.

Do Porto natural, desde os idos de 1536, quando o Donatário Duarte Coelho Pereira fez referência à "Ribeira de Mar dos Arrecifes dos Navios", até os atuais Porto/Bairro/Cidade, registram-se passagens fascinantes na Ilha, nos

aspectos econômico, político, social, e de resistência à pirataria internacional.

Sentado aqui em meu canto preferido na Rua do Bom Jesus, uma das mais lindas vias do planeta, contendo o impulso de gritar, revelando o meu mais feliz sentimento: "o Porto jamais sairá de mim!" (graças ao bom Jesus!).

Sinais urbanos

Simone Galan de Figueiredo*

Quando o sol se atreve a dar as caras em Curitiba, o faz soltando alguns raios tímidos entre as nuvens e vai se espreguiçando. Para quem olha daqui de baixo, vem à mente uma saudação: *Here comes the Sun!* Mas num piscar de olhos, desaparece. Num desses dias raros de sol, resolvi me desincumbir da missão de devolver uns livros que pegara emprestado de um amigo há mais de dois anos. Um pretexto para caminhar, obedecendo ordem do meu médico. Ele acha que vou viver mais se fizer isso. Eu penso que os médicos desconhecem o que é caminhar pelas ruas, porque se soubessem, diriam para seus pacientes ficarem sentados dentro de casa.

Caminhar é perigoso e na minha jornada até a casa do Jorge isso se tornou indubitável. Há cachorros que se encantam pelas canelas de quem passa; pedras soltas cuspidas nas roupas dos transeuntes e tentando lhes passar rasteira, ciclistas desenfreados. De todos os riscos, os piores são os semáforos – são instrumentos que, ao contrário do que se propaga por aí, servem para sinalizar em que momento o motorista pode atropelar o pedestre ou vice-versa. Perceba que sempre há um motorista a toda velocidade que tenta aproveitar o restinho do amarelo para atravessar nos primeiros momentos do vermelho.

* Juíza do Trabalho da 9ª Região

Um daltonismo-urbano-de-conveniência: *Vermelho??? Eu vi tons de amarelo!*. Também não é incomum pipocar algum andarilho incauto decidido a antecipar a travessia da rua por entender que o sinal está quase vermelho. *Amarelo? Não, não, muito mais vermelho!* Quem olha de longe tem a sensação de estar assistindo ao final do Grande Prêmio de Fórmula 1, dada a concentração e determinação do motorista em acelerar para ultrapassar a linha de pedestres. Nos casos mais drásticos, é possível visualizar cenas *a la* Tarantino, com muito vermelho e nenhum amarelo.

Quando se trata de sinaleiro sonoro, uma espécie de cronômetro disparador de bips tal qual um monitor cardíaco, os desafios são maiores. Isso porque, à medida que vai se esgotando o tempo para a travessia, os bips se aceleram histericamente. E é justo nesse momento que vemos irromper uma maratona de esbaforidos, com as bochechas enrubescidas e o coração embalado ao ritmo da toada, almejando alcançar o outro lado da avenida nos últimos segundos. Ao perceberem que fracassaram na sua aventura, encontram-se no meio da rua com os carros se aproximando e buzinando, ávidos para abrir passagem a qualquer custo.

Poucos são capazes de enfrentar essas arapucas urbanas, como o fazem os idosos. Sabedores de que os semáforos não representam segurança para ninguém, decidiram (provavelmente em uma assembleia secreta) abandonar a faixa de pedestres e a sinalização para atravessarem em qualquer lugar a qualquer tempo. Conquistaram o respeito dos motoristas, os quais freiam ao vê-los no meio da avenida. Rendo minhas homenagens a esses corajosos senhores e senhoras (entre eles, minha mãe), pois são verdadeiros Dom Quixotes apontando suas bengalas para as injustiças de ser um pedestre nessa selva urbana.

Na minha vez de enfrentar a travessia da Avenida Iguazu com a Brigadeiro Franco, onde morava o meu amigo, tentei antes estudar todas as armadilhas que se antepunham: esperei o sinal vermelho e a primeira fila de carros parar para então avançar da

calçada para a rua, com o olhar atento ao inesperado. Ao chegar no outro lado, tive a sensação de ter sobrevivido aos riscos que eu tanto conhecia como um observador sádico. Avancei dois passos na calçada e ouvi um tilintar desesperado vindo de trás de mim. Ao virar, percebi um ciclista em alta velocidade, com cara de pânico, tentando em vão frear a bicicleta. O impacto foi traumático, nem tanto para o meu corpo, que sofreu somente algumas escoriações, mas para minha consciência. Os livros que eu levava nas mãos foram parar no meio da avenida, nas rodas dos carros, desmanchando-se em papel picado. *O que eu vou dizer para o Jorge?* Ele tinha me avisado que eram seus livros de edições esgotadas e pediu que eu cuidasse deles.

Sem os livros, não tinha razão para continuar minha jornada. Pensei no conselho do meu médico e mentalizei alguns palavrões. Parei no primeiro banco e chamei um Uber de volta para casa. A essa altura, o sol tinha fugido e as nuvens cinza voltaram a compor o céu de Curitiba.



Poesias



Paralisia

Linda Brandão Dias*

A escuridão chegou aos pedaços,
pincelou a sala,
sombrou meu rosto,
se instalou na alma...

Palavras arrastadas pela mão
rangeram seu silêncio
incômodo
esbarrando em paredes,
ecoando na penumbra,
resvalando pelo chão...

O olhar de página em branco
sequer penetrou...
– Espelho sem reflexo! –

Na paisagem derrotada
o que era brilho
se desvaneceu...

Sussurros de silêncio
se espalharam...

E aquele rosto que eu vi
não era o meu!!!

* Juíza do Trabalho aposentada da 1ª Região
O texto foi vencedor, na categoria poesia, do 2º Concurso Literário da Anamatra.

A subida

Rosana Maria de Barros Caldas*

Quero lucidez... quero luz!
Quero sentir na subida
o carinho da minha aura,
enquanto o fulgor me seduz!
E eu me entrego...
Sem receio,
sem olhar para trás.
Só a coragem me conduz!
Quero subir ao som de poesia...
Nada de trombetas!
Quero serafins mensageiros
de virtude e sabedoria...
Ruflando asas lisonjeiras!
Quero enxergar de olhos fechados
a vida nova a fazer jus...
a partida dos desacertos,
o encontro com a verdade.
Quero bálsamo... não quero cruz!

* Juíza do Trabalho da 23ª Região

Não quero flores nem velas...
Quero o aroma e a luz.
Quero ter certeza...
Quanto mais profundo se vive,
mais se sobe com delicadeza.
Quero subir de alma lavada,
com audácia e sutileza...
como foram os meus dias na terra.
Quero louvor... quero inspiração!
Quero emoção até o último degrau
do primeiro escalão!

Quero lucidez... quero luz!
Quero sentir na subida
o carinho da minha aura,
enquanto o fulgor me seduz!
E eu me entrego...
Sem receio,
sem olhar para trás.
Só a coragem me conduz!
Quero subir ao som de poesia...
Nada de trombetas!
Quero serafins mensageiros
de virtude e sabedoria...

Ruflando asas lisonjeiras!
Quero enxergar de olhos fechados
a vida nova a fazer jus...
a partida dos desacertos,
o encontro com a verdade.
Quero bálsamo... não quero cruz!
Não quero flores nem velas...
Quero o aroma e a luz.
Quero ter certeza...
Quanto mais profundo se vive,
mais se sobe com delicadeza.
Quero subir de alma lavada,
com audácia e sutileza...
como foram os meus dias na terra.
Quero louvor... quero inspiração!
Quero emoção até o último degrau
do primeiro escalão!

Autoanálise

Rodrigo Adélio Abrahão Linares*

Raramente,
Sou poesia da felicidade,
Que é gozo,
Jorro de espuma,
O ápice da curtição concreta,
Que nem existe mais no seguinte instante!
Daí, nova corrida
E outras tantas sucessivas!
Ora,
Essa sensação de plenitude
Nem precisa ser escrita!
Basta o viver da conquista,
Ali no peito, na sua cara!
Antes,
Sou poema da angústia,
Da carne presa na goela,
E do engasgo vomitado!
Se tenho os dois lados,

* Juiz do Trabalho da 15ª Região

O um é Querubim,
O dever-ser
Da tolerância virtuosa,
Da abnegação pecaminosa.
Mas, tagarela é
O outro,
O Cramunhão das sete peles
Que fustiga
A minha cizânia,
Grita
A minha cólera,
Meus medos,
E difusos silêncios.
Ao pé do ouvido,
Murmura
Minhas falsas verdades,
Em alegorias de um
Passado esquecido.
Condensa
Enigmas nos meus tétricos pesadelos,
Fincando suas unhas ferinas
Nas feridas que nem conhecia.
O um, da convivência,
É teatro da farsa ou comédia,
Costura minha boca!
Já o outro,
É melodrama cafona,
Solta as minhas bestas
Em versos e letras!

Coração de paz

Ataíde Assis Ataíde*

Dorme o sono dos justos, puro d'alma e espírito.
A quietude da noite e o frescor da brisa do morro
Abraçam seu trigueiro corpo acriançado.
Coração de paz sorrindo em benfazeja madrugada.

Sonho conspurcado de forma aviltante, repentina.
Irrrompe água e lama sem dó nem piedade.
Seu corpo gira entre destroços, atordoadado.
Coração de paz chorando em malfazeja aurora.

Ao derredor, uma vida passada a limpo em segundos,
Em meio ao caos de patente previsibilidade, dói, fere.
Coração de paz esperando o abraço do pai.

Vida de redemoinho, não é algoz e sim vítima.
Do mundo natural pouco provável, do protetor, com certeza.
Coração de paz crendo na salvaguarda divina.

* Juiz do Trabalho aposentado da 3ª Região

Da janela do banco carona

Claudirene Andrade Ribeiro*

Da janela do banco carona,
Reflete a geografia e a história
– Campos, canaviais
– Gado branco, bravio
– Tempo, lembranças, histórias...

Daquelas bandas partira Corina,
Tímida, de luta, do lar,
Precisava acompanhar Marolo
Como Dinga a Nicássio outrora.

Dessa feita era mais difícil,
Mobília de casa não havia,
Poucas panelas amassadas
Dividiam o espaço da carroceria
com filhos, marido e outra família.

* Juíza do Trabalho da 23ª Região

Sentara-se então no banco carona
no colo de Corina,
ainda ganhava peito,
era a filha mais menina.

Chão, poeira, buracos
– medos, incertezas,
Seria a vida melhor?
Pior?

Vai saber Corina,
Mas o marido devia acompanhar,
um dia queria saber
o nome ao menos desenhar.

Longos dias na estrada,
Chega então ao destino.
Mata, poeira, menino.

Pastos e lavouras ocupariam
o lugar do cerrado e da floresta
Na nova fronteira ainda coberta

Barraco tipo tapera,
Colchões de palha,
camas de estaca,
Sorrisos amarelos,
Dor de dente nos filhos.

A penúria viria mais forte,
o patrão levara o marido,
Deixara Corina e sete filhos.

Acaba-se a comida,
Só resta fubá e farelo,
é preciso ser criativa
para os filhos alimentar:
angu salgado no almoço,
bolo de fubá na merenda,
angu bobo no jantar.
Acaba-se também o fubá.
O que fazer Corina?
os filhos pedem comida
nenhum sinal do patrão ou do marido,
apenas choro e gemido,
7 filhos para alimentar.
Pensa ainda naquela que ficara
para os estudos terminar.
Estaria sendo humilhada?
Teria fome?
Sentiria saudade?

Vê um saco de arroz,
Que era do patrão
Abre e retira um pouco?
Mas se o patrão se ofender?
Sempre a velha submissão
dos tempos da escravidão,
Que ainda se prolonga
na falta de representação.

Entre a fome e a rebeldia
Mede um pouco de arroz em casca
Abre-se um buraco no chão
Com o fundo forrado de palha
Improvisa-se um pilão

De batida em batida,
Lentamente de branco salteia
o grão que cozinhará
Para os filhos alimentar

Óleo de babaçu na panela,
Cambuquira,
Na sorte uma caça,
Saciaria a fome então.

Chega então a divisa,
Minas fica pra trás,
Lá nascera Corina,
Memórias, taperas, escravidão
Quanto tempo ainda perduraria,
a desigualdade e o medo da humilhação,
Volta à memória Corina,
Toda espécie de submissão.

Dia de domingo

Maria do Perpetuo Socorro Wanderley de Castro*

Catando a poesia
Nas ruas largas da cidade,
Estão amarelecendo as folhas das árvores
uma mungubeira pegada pela erosão esparramou
suas raízes
e elas levantaram as pedras do calçamento,
Trovecei enquanto olhava para o céu azul.
E o azul era salpicado de amarelo
Da florescente craibeira que descia do morro
Juntou ao pau-d'arco derramando luz dourada na
paisagem.
Ah, as belas dunas que cercam a cidade
E permitem que os ventos cheguem
Nem a areia quente do Saara
Tão salgada com uma fugaz lágrima de lembranças.
Mas o paladar se adoça com cambuí, ubaia

* Juíza do Trabalho da 21ª Região

Surge o travo de gosto do caju e da mangaba.
Aqui e acolá as árvores se estendem para um abraço
Assim eu vi no alto da ladeira que subia da cidade baixa
Também eu vi numa rua breve e estreita.
Tentei ouvir se dialogavam
Foi inútil nem ouço estrelas nem ouvi árvores.
Ouvi apenas os saltos de meus sapatos
Fazendo eco na cidade deserta do dia de domingo.
Meu caminho chegou a um baobá
Especial, festejado, registrado em versos,
Não é vão que seja dito ser do Poeta.
Pois é de alumbramento que se faz poesia
E do domingo, entre os verdes e as folhas,
que despontam em cantos surpreendentes e lá no morro
derramam-se os cachos de alegria
E trazem consigo um aceno de homenagem desdobrado
pelo vento.

Gênesis

João Luiz Rocha do Nascimento*

No princípio foi o verbo e o verbo era sonhar.
No entremeio surgiram os olhos que se fitaram
escorregadios até que, paralisados, brilharam uns pros
outros.
Em seguida disseram como se palavras fossem até que,
mar adentro, penetraram na antessala da alma.
Foi quando veio o abraço e ele foi terno
Por fim veio o beijo e ele foi eterno.

* Juiz do Trabalho da 22ª Região

Infinitude

Jólia Lucena da Rocha Melo*

Naquela areia, morada da eternidade,
Deitei meu corpo a aliviar meu coração.
Ninguém por perto, só o silêncio me invade,
Deixando a calma em memória de canção.

Lágrimas saem, escorrendo fé e paz.
Mirando o céu, capturando o momento,
Deito meu corpo onde minha origem jaz,
E acalanto meu olhar no firmamento.

E chegam as datas mais sofridas de sentir
Quando em vida, era comemoração.
Janeiro, agosto, meses de tanto porvir,
Se encerram agora sem porquês e sem razão.

* Juíza do Trabalho da 21ª Região

E os sofrimentos nos meses das despedidas,
Lembram os momentos mais pesados do já ir.
Galopam imagens, as vozes e as partidas,
De quem se foi mesmo sem querer sair.

Se é todo junho com a fogueira de São João,
Ou nos novembros na ausência de seu laço,
Que me debruço novamente nesse chão,
Mais sinto falta dos carinhos e abraços.

Naquela areia que hoje guarda os corpos seus
Ou no luar que acalanta o meu vagar.
Seja no azul anil que brilha aos olhos meus,
Em tudo sinto essa presença a me guardar.

Ficar sem eixo, mas não deixar de aguardar,
E agradecer todo momento pelo amor,
É por saber que um dia vou os encontrar
Que Deus permita como bom compositor.

A vida passa e a saudade continua
Vai perseguindo cada passo sem cessar,
Da natureza recebo notícia sua,

Em arco-íris, borboletas e no mar.
O mar que lava minhas dores e bendiz,
Salgando a alma com a água que ressoa,
É mensageiro desse amor que ainda ecoa,
Reconhecendo quanto de ti sou aprendiz.

O céu que miro e admiro a cada olhar,
O mesmo céu que abriga e agrada o seu azul,
Se transformou na infinitude o seu lar
E para mim o orientar de norte a sul.

Em cada rua, cada curva a alcançar,
Chegando o novo ao destino do meu eu,
Sinto a vontade de ver sob o seu olhar,
Mas no presente sua voz emudeceu.

Fotografias já guardadas envelhecem,
Novos momentos não mais vou emoldurar,
Mas no meu peito as lembranças embelecem
E como mágica é lá que sempre hão de morar.

E, enquanto trilho o caminho, ficam atrás,
Marcando a mente, mais de mil recordações,
Da mesma forma que colhi de suas lições,
Deixo nos filhos a herança dos meus pais.

Inventário

Deizimar Mendonça Oliveira*

perdi a hora da prova
o início da história
o livro de filosofia
a consonância e o plural

perdi a nuvem com os meus insetos
(inclusive todos os vaga-lumes)
o galinho de louça herdado por minha mãe
o endereço da festa do reencontro
a chance de visitar um asilo

perdi as chaves da residência
a bolsinha amarela de pedras coloridas
onde eu guardava meus segredos
a chance de vasculhar
a teia de aranha no teto do sobrado desocupado
o retrato do meu irmão morto

* Juíza do Trabalho da 23ª Região

perdi as senhas e o interesse
a guarda compartilhada
o bilhete escrito por meu pai antes de partir
os anzóis e toda a minha vingança

até que não houvesse mais leitos
então perdi os sapatos

Novelo

José Eduardo de Resende Chaves Júnior*

Num fio

Passa a vida

um raio curto

Circuito oculto

E o passarinho

na mão

Abre o bico

Emaranha os fios

enovela o ninho

rodamoinho

E trovão

Na palma das asas

Sustenido que laça

Nem disfarça

Um pio meio sem graça.

* Juiz do Trabalho aposentado da 3ª Região

Quem me tocou

Carmem Lúcia Lapenda Pessoa de Albuquerque*

Andava pensando sozinha
A vida se esvaia, sentia
Minha força acabava, sofria
O mundo não era o mesmo, sumia
O amor se afastava, sabia.

De repente, o ar em minha volta, mudou
A esperança que já se acabava, voltou
Um Homem com ar de bondade, parou
Um impulso de alegria, chegou
Sem pensar toquei no Seu manto
Minhas energias voltaram como um encanto
A dor passou, minha cor voltou, veio o pranto.

ELE simplesmente se voltou
Olhou para trás,
Sua voz soou, perguntou:
"Quem me tocou?"

* Juíza do Trabalho aposentada da 6ª Região

Trabalhador

Josimar Batista dos Santos*

Muito se tem falado,
Em ser igual a um trabalhador.
Mas duvido que alguém possa sê-lo,
Sem sentir a sua dor.

Quem tem carro com ar condicionado,
E usa roupa de doutor,
Não sabe o que é andar acotovelado,
Ali bem aconchegado,
Sentindo o cheirinho suado,
Do amigo sofredor.

Quem defende a causa social,
E ganha quarenta vezes o mínimo legal,
Não quer viver na própria pele,
A justiça que diz almejar.

* Juiz do Trabalho da 19ª Região

Fala só da boca para fora,
No fundo do coração repele,
Toda a justiça que diz amar.

A sociedade está falida,
E nos tormentos desta vida,
A união é passageira,
E apenas serve como alcoviteira,
De interesses de momento.
Quando vier o verdadeiro tormento,
Quando o sol não mais surgir,
Aflorará novamente a verdade:
Cada um luta por si!

Übermensch

Vanilson Rodrigues Fernandes*

Não precisava comer
Não precisava dormir
Mal respirava
Inalava

Família, não vê
Namorada, não tem
Amigos, pra quê?
Se tudo vai morrer

Sem férias
Nem salário
Repouso nem pensar
Amar não é necessário

* Juiz do Trabalho da 8ª Região

Licença saúde não precisa
Aposentadoria nem se fala
O futuro é hoje
O amanhã não existe

Não lê
Não escreve
Não interpreta
Mal soletra

Não faz versos
Não ama
Nem protesta
Poetar é drama

Um ser elevado
16 horas de trabalho por dia
Por um cobre qualquer
Viver é trabalhar

Nem de pão vive o super-homem
Um ser superior
Übermensch



SHS Od. 06 Bl. E Conj. A - Salas 602 a 609
Ed. Business Center Park Brasil 21 - CEP 70316-000
Brasília/DF - Tel.: (61) 3322-0266